

Vida UNIVERSITÁRIA

N.º 1 — JUNHO DE 1960 • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : R. CONDE REDONDO N.º 14, 3.º Dt.º LISBOA • PREÇO 1550

DIRECTOR: Maleus Alberto Martins Pratas
EDITOR: António Carvalho da Costa
CHEFE DE REDACÇÃO: Ruy de Moura Guedes
ADMINISTRADOR: Victor Manuel Guimarães

COMPOSTO E IMPRESSO NA
IMP. TSP. CASA PORTUGUESA SUCC. LDA.
RUA DAS MÁZEARAS, 109 — LISBOA

SAI hoje o primeiro número de «Vida Universitária» — jornal de estudantes, aberto aos anseios e às actividades dos jovens das nossas Escolas Superiores.

«Vida Universitária» vem, discretamente, ocupar um lugar na Universidade do nosso tempo e do nosso País; não pretende resolver, só pela sua presença, problemas culturais nem suprir as deficiências que existem.

Seria contudo inexacto dizer que não traz uma mensagem.

Os rapazes e raparigas que se reuniram para fazer esta *folha* pensam que um jornal universitário, de informação, pode acolher nas suas colunas todas as boas ideias e levar até os colegas as inquietações, os trabalhos e as tentativas culturais que chegarem até nós.

Contamos para isso com todos os colegas — colaborem, mandem-nos artigos, façam sugestões, venham trabalhar conosco.

Aos que nos quiserem combater, pedimos apenas que, antes, nos leiam e se esclareçam.

O jornal será de todos vós — queremos-lo autêntica vida universitária, conjunto de mestres e alunos, fremente de propósitos, de esperanças e (porque não dizê-lo?) de inevitáveis desilusões.

Se conseguirmos estabelecer essa mesa redonda de convívio universitário, teremos cumprido a missão que nos propusemos.

QUEIMA DAS FITAS em Coimbra

Reportagem dos colegas C. Cruz, C. Costa,
Marcelo Beato, Augusto Martins e Fernando Gouveia



Um aspecto do cortejo

Começou e acabou mais uma Queima das Fitas em Coimbra que teve ainda bastante brilho, embora não tanto como as anteriores.

O trabalho das comissões foi exaustivo, sobretudo o da Comissão Central que em tudo supervisionava.

No entanto a delicadeza, a cordealidade e a simpatia des-

sa mesma comissão não foram de modo algum equiparáveis, nem mesmo de longe, ao trabalho que teve. Para nós, assim como para outros, entre eles a «Via Latina» que já fez referência ao caso no seu último número deste ano, as suas atenções foram quase nulas, embora lhe tivéssemos posto o problema com toda a clareza.

Nem sequer tivemos livre-trânsito para todo o serviço de reportagem. Era-nos necessário fazer vir às portas de entrada qualquer dos membros da referida Comissão para que verbalmente obtivéssemos autorização para entrar nos espectáculos em causa.

Se algum desses nossos colegas não se encontrava presente era-nos forçoso pagar o bilhete o que aconteceu, por exemplo, na Garraíada. Certo é também que, como em tudo, excepções há. Aos colegas de Medicina e de Farmácia os nossos agradecimentos pela maneira acolhedora como nos receberam, dentro do tradicional espírito académico de colaboração e compreensão.

Aos outros não podemos deixar de dirigir uma censura pelo ambiente de fumos de que se rodearam e que se tornou inacessível para o nosso

(CONTINUA NA 6.ª PÁG.)

INAUGUROU-SE A AULA MAGNA DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO



Um aspecto da Aula Magna há dias inaugurada

PEDRO CALMON

Esteve em Portugal o Reitor da Universidade de S. Paulo, dr. Pedro Calmon.

No programa da sua estadia foi incluída uma visita à Cidade Universitária de Lisboa, que o ilustre homem de Letras percorreu demoradamente, procurando inteirar-se dos problemas que mais directamente se vivem na Universidade.





DIREITO

No dia 2 de Maio realizou-se por iniciativa de alguns alunos da Faculdade de Direito um jantar de homenagem aos profs. drs. Galvão Teles, Paulo Cunha, Raul Ventura, Silva Cunha e Castro Fernandes, no restaurante de Montes Claros.

Esta manifestação deve-se à espontânea reacção de respeito, justiça e louvor perante tais juristas que tão bem defenderam os interesses portugueses no Tribunal Internacional de Haia.

Este jantar, que reuniu cerca de duzentos convivas foi presidido pelo sr. ministro da Justiça ladeado pelos homenageados.

Falou em primeiro lugar o colega da comissão organizadora Matos dos Santos. Depois usaram da palavra os srs. profs. drs. Galvão Teles, que manifestou o seu reconhecimento aos promotores do jantar, e Paulo Cunha, que salientou a vital importância, para nós Portuguezes, da decisão do Tribunal de Haia.

Tomou em seguida a palavra o prof. dr. Antunes Varela que enalteceu a brilhante acção dos nossos advogados em Haia, collocando assim bem alto o prestígio não só de Portugal mas também das Universidades de Direito de Lisboa e Coimbra. Uma estrepitosa salva de palmas coroou as palavras do sr. ministro da Justiça com que terminou esta significativa cerimónia.

★

Revestiu grande brilhantismo o banquete de homenagem ao sr. prof. dr. Braga da Cruz, director da Faculdade de Direito de Coimbra, por iniciativa da Associação dos Antigos Estudantes desta cidade, que por este meio prestou público reconhecimento à brilhante actuação do nosso jurista e advogado de Portugal em Haia. Estiveram presentes cerca de 600 convidados entre os quais os ministros da Justiça e das Corporações, e o subsecretário de Estado do Orçamento.

Usaram da palavra, em exaltação da figura e obra do homenageado, os srs. profs. drs. Barros Neves e Afonso Queiró, o presidente da Associação Académica, estudante José Manuel Cardoso da Costa, o sr. dr. Meneses de Campos e o sr. Ministro da Justiça.

A finalizar, o sr. prof. dr. Braga da Cruz, visivelmente emocionado, agradeceu a homenagem e salientou a acção dos seus colaboradores directos no julgamento de Haia. Terminou afirmando ser suprema honra servir a Pátria e rara a felicidade de poder servi-la como membro de uma instituição que tem quase tantos séculos de História como a própria Pátria.

★

No Palace do Bussaco efectuou-se no dia 15 de Maio o almoço oferecido pela Faculdade de Direito de Coimbra ao sr. prof. dr. Mário de Figueiredo que recentemente foi atingido pelo limite de idade. Estiveram presentes de entre outras altas individualidades os srs. ministro da Justiça e subsecretário de Estado do Orçamento.

EXCURSIONISMO

Um grupo de finalistas do ISCEF realizou na semana finda uma excursão ao Sul do País, que incluiu visitas a locais de interesse histórico e turístico, e a algumas unidades industriais daquela zona do País. A caravana universitária visitou ainda Badajoz.

NOTICIÁRIO



VETERINÁRIA

Realizou-se a Assembleia Geral da nossa Associação. Foram tratados diversos assuntos entre os quais destacamos os seguintes: Revista e Sala de Leitura.

Parece-nos que tudo se encaminha para que a «Revista» seja novamente editada.

É assunto que tem de ser resolvido com brevidade. Graças à boa vontade dos corpos directivos da Associação parece que o fim será atingido.

Daqui fazemos um apelo à massa associativa. Que acorram em maior «massa» às reuniões, levadas a efeito, pela Associação. Os problemas da Associação são problemas nossos. Se existir boa vontade em todos os colegas, os problemas por mais elevados que sejam, serão resolvidos. É preciso a colaboração de todos para um engrandecimento da nossa Escola Superior.

A apresentação do conferencista foi feita pelo prof. dr. António de Almeida, catedrático de Etnografia e Antropologia Física. As lições do eminente cientista terminaram com um «seminário» durante o qual se assistiu a uma animada troca de conhecimentos entre os alunos e o conferencista.

EXCURSÃO DOS FINALISTAS DE ENGENHARIA DO PORTO

Os alunos finalistas da Faculdade de Engenharia do Porto aproveitaram as férias de Páscoa para um passeio turístico e de estudo a algumas das principais fábricas de Madrid e Paris. Saindo daquela cidade no dia 18, foram dormir a Salamanca, de onde partiram no dia seguinte para Madrid. Na capital espanhola tiveram ocasião de visitar as fábricas de camiões Pegaso, onde foram gentilmente recebidos.

No dia 23 percorreram as instalações do Instituto de Hierro y Acero, na Cidade Universitária, e no dia 23 visitaram uma fábrica de rolamentos de «Ita» precisão, nos arredores da cidade.

De Madrid seguiram para Paris onde chegaram na manhã de segunda-feira. Na terça-feira, estiveram na fábrica Bull, de máquinas automáticas de contabilidade, tipo cérebro electrónico, que foi percorrida com enorme interesse. No dia 28 visitaram as instalações da Renault, em Billancourt, onde se fabrica o modelo popular entre nós conhecido por «Joaninha». Nesta fábrica tiveram oportunidade de assistir à montagem dos «Dauphines». No dia 29 de manhã foram recebidos na fábrica Renault-Batignolles, de máquinas e ferramentas; e de tarde foram presenteados com um passeio turístico pela cidade, organizado pelo Tourisme Universitaire, tendo visitado os principais monumentos da capital. No último dia do mês deixaram Paris, de regresso ao Porto.

★

Integrados na comemoração do 49.º aniversário do Instituto dos Pupilos do Exército, efectuaram-se no passado dia 25 as seguintes solenidades: às 10 horas, deposição de um ramo de flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra; às 11 horas, na Sé Patriarcal, missa por alma dos directores, professores e alunos falecidos, mandada dizer pela direcção do Instituto.

ULTRAMARINOS

Realizou-se no dia 23 do corrente, no Hotel Embaixador, um jantar de confraternização dos alunos do 1.º ano do Curso de Altos Estudos do Instituto Superior de Administração Ultramarina. Esteve presente, além de muitos outros convidados, o sr. subsecretário de Estado da Administração Ultramarina.

★

A convite da Direcção do I. S. E. U., o prof. Jean-Paul Lebeuf, catedrático de Etnologia na Escola de Altos Estudos da Sorbonne do Centro Nacional de Investigação Científica de França, iniciou neste estabelecimento de ensino superior um ciclo de conferências dedicadas ao «Mito da criação e da organização do mundo numa população animista: os Falis do Norte dos Camarões». Em todas as sessões notou-se a presença de muitos professores e assistentes.

— Em virtude da nomeação do prof. dr. Adriano Moreira para subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, assumiu o cargo de director interino do I. S. E. U., o prof. Alvaro da Fontoura, distinto professor de Obras Públicas e Topografia. O prof. dr. Adriano Moreira fora nomeado director do Instituto em 1968, director do Centro de Estudos Políticos e Sociais desde a sua fundação e rega as cadeiras de Princípios Gerais de Direito e Direito Privado e Prática Judiciária, respectivamente, ao 1.º e 3.º ano do Curso de Administração Ultramarina e a cadeira de Política Ultramarina ao 2.º ano do curso dos Altos Estudos Ultramarinos. A cadeira de Princípios Gerais de Direito está a ser regida, presentemente, pelo ilustre advogado e deputado dr. José H. Saraiva.

— Tomou posse do cargo de assistente além do quadro o sr. dr. João da Costa Freitas, formado pelo Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. O novo assistente que foi um dos mais brilhantes alunos que passaram por este Instituto reúne altas qualidades de estudioso nos complexos problemas políticos e sociais, sendo notável a sua competência em Política Ultramarina. O sr. dr. João da Costa Freitas é, também, inspector Superior de Administração Ultramarina e director do Gabinete de Negócios Políticos do Ministério do Ultramar.

Foi superiormente resolvido avisar os recrutas que vão ser incorporados de 3 a 5 de Julho próximo, com destino ao Curso de Serviços Milicianos, de que devem solicitar nas Administrações dos Bairros de Lisboa e nas Câmaras Municipais dos respectivos concelhos, as guias de apresentação m/9, bem como a requisição de transporte em Caminho de Ferro, para seguirem viagem, pelo menos com três dias de antecedência.

Os que deixarem de cumprir o que acima se determina serão notados refractários nos termos da lei.

★

No «Diário do Governo» foi publicado um despacho que, sob proposta aprovada em sessão especial do respectivo conselho escolar, nomeia o dr. José Maria Ribeiro Moreira de Araújo para o exercício das funções de professor catedrático do 1.º grupo (Física) da 2.ª secção (Ciências

Físico-Químicas) da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.



FARMÁCIA

Assinalando o termo dos trabalhos escolares dos alunos finalistas da Licenciatura em Farmácia, realizou-se no Salão Nobre daquela Faculdade, com a presença do corpo docente e do curso dos referidos finalistas. Presidiu o director prof. dr. A. Laroze Rocha que aludiu ao significado da sessão, com a qual se procurava efectuar um acto simbólico que desse aos futuros profissionais uma ideia clara de que a Faculdade se mantinha permanentemente interessada na actividade post-escolar dos seus ex-alunos, os quais deveriam sentir-se sempre vinculados à casa que lhes dera formação universitária. Depois de fazer votos pelos êxitos profissionais dos que estavam prestes a abandonar a Faculdade, concedeu a palavra ao prof. dr. Correia da Silva que, após ter aludido ao alto significado da profissão farmacêutica chamou a atenção dos finalistas para os mais importantes preceitos deontológicos que devem orientar o exercício da sua actividade. Referindo-se à importância de que se reveste a conclusão de um curso universitário, exortou os alunos a que procurassem, manter-se conscientes das suas responsabilidades, dando continuidade aos conhecimentos que a Faculdade lhes ministrava, não se deixando estagnar e mostrando-se possuidores de autêntica formação universitária.

★

Restando uma tradição que se impunha, está em preparação o novo Boletim da Escola Superior de Farmácia de Lisboa.

Depois de um longo interregno, é com satisfação que assinalamos o reaparecimento de obra tão útil a todos aqueles que se debruçam sobre os problemas farmacêuticos.

Para além da sua missão dentro da Escola a que se destina, o Boletim desempenha um papel importante junto dos farmacêuticos desligados já da vida universitária.

A sua preparação está a cargo do sr. dr. Luis Sousa Dias assistente das cadeiras de Farmácia Galénica e de Deontologia e Legislação Farmacêutica, e incluirá entre outros, trabalhos de tese e de investigação.

★

A Escola de Farmácia de Coimbra tem promovido através do seu Centro de Estudos Biogalénicos, uma série de cursos práticos versando matérias diversas no campo farmacêutico.

Integrados nas realizações do Centro, efectuam-se este ano além dos habituais cursos práticos, um conjunto de Colóquios, Conferências e Lições o que vem aumentar consideravelmente o âmbito das suas actividades.

Os trabalhos de investigação efectuados no Centro passam a ser apresentados e discutidos em sessões periódicas por forma a todos os investigadores poderem

tomar conhecimento dos trabalhos em curso.

Igualmente serão proferidas lições sobre assuntos de actualização e de interesse profissional, as quais estarão a cargo do Corpo Docente e dos Bolseiros do Centro.

Os Cursos Práticos incluem as seguintes matérias:

— Análises Bioquímicas (de 19 a 24 de Setembro).

— Farmácia Galénica de Oficina (de 3 a 8 de Outubro).

— Cromatografia e Electroforese (de 10 a 15 de Outubro).

Estas datas estão ainda sujeitas a rectificação, e os programas dos cursos serão divulgados dentro em breve.



ECONÓMICAS

Concluiu recentemente as suas provas de doutoramento em Finanças o sr. dr. Fernando de Jesus, assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. O candidato, que defendeu a tese apresentada e teve de versar dois pontos tirados à sorte, foi aprovado com dezassete valores.

Presidiu ao júri o prof. Moisés Amzalak, reitor da Universidade Técnica, e dele faziam parte todos os catedráticos do Instituto. Foram arguentes o prof. Vicente Gonçalves e o dr. Luis Santos Fernandes, para o primeiro ponto, e o prof. Carmo e Cunha para o segundo, que tratou de «Fiscalização financeira nos diferentes sectores da administração pública portuguesa».

O novo doutor é bolseiro do Instituto de Alta Cultura e tem trabalhado para o Fundo de Fomento de Exportação.

★

— Está publicado o n.º 15-16 da revista «Económica Lusitana», editada pela Associação Académica do ISCEF. O seu sumário é o seguinte: «O Problema da Selecção dos Nossos Estudantes», pelo prof. Gonçalves Pereira; «Tabelas Financeiras e Actuariais»; «Os Processos Mecanográficos de Contabilizar», por Adalberto Valente da Cruz; «A Parafixidade», por António Macieira Coelho; e «Aspectos Jurídicos da Política de Electrificação Portuguesa», por Alberto do Nascimento Regueira.

★

— Estão patentes ao público na biblioteca do Instituto duas exposições: uma organizada pela Associação Académica, sobre temas ultramarinos, nomeadamente económicos, e que se integra nas comemorações Henriquinas; outra, levada a efeito pela secção da JUC, sobre o livro católico de sociologia e economia. Nesta última exposição os livros são vendidos com 20 por cento de desconto sobre os preços do catálogo.

★

Concluiu no transacto dia 16 de Maio as suas provas de doutoramento em Finanças o sr. dr. Fernando de Jesus, 2.º assistente do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. O júri, presidido pelo reitor da Universidade Técnica, atribuiu ao candidato a classificação de 17 valores.

Espectáculos

PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO NO CINEMA

FALAR do cinema em relação ao universitário implica fundamentalmente duas coisas: considerá-lo como um instrumento de cultura e como um objectivo de especialização universitária. O estudante pode servir-se do cinema para aumentar a sua cultura (universitária ou não) ou pode servir o cinema como um futuro cineasta. São estas duas, em resumo, as posições que importa considerar.

Começemos pela primeira. Todos sabem que a formação integral do universitário não se confina à preparação das cadeiras do curso, à mera especialização profissional. Ele precisa de abrir o espírito aos outros espíritos, precisa de ampliar o seu conhecimento do mundo para fazer bom uso das noções aprendidas. Assim, o universitário precisa de cultivar-se, de estender os olhos pelo campo da arte, de participar na vida da sua universidade, de se integrar na vida pública e social, de melhorar humanamente pelo convívio e pelo desporto.

Mas é sobretudo no campo da arte que ele toma contacto com uma realidade nova e fascinante, presa fácil do seu espírito habituado a inquietar-se. Sente-se atraído pela sua mensagem e quer penetrar os seus mistérios: percebe que lhe é essencial o sentido estético da vida, a experiência humana de comunicar com os outros através da arte. Assim acontece com o cinema, arte jovem, moderna, atraente como nenhuma outra, brotando fértil da vida quotidiana, mas quantas vezes abandonada ao interesse do divertimento sem consequências. Por isso mesmo, o cinema é um formidável meio posto ao dispor do universitário para aumentar a sua cultura.

Ele traz-lhe, pelo fácil processo da comunicação visual, o mundo inquieto do século em que vive, esta civilização irracional e intensa que passa sem demora. Testemunho da época, o cinema conduz aos grandes temas do nosso tempo e é por isso que conhece tão larga aceitação. O universitário, porém, não pode ser apenas um espectador passivo, mesmo que adira aos valores expressos no cinema; tem de ir mais longe, de transformar-se em espectador activo de conhecer os segredos da sua linguagem, a importância das obras e dos autores mais significativos, os grandes passos da sua história, a sua posição no mundo de hoje.

E, se bem que seja muito interessante o esforço individual na busca dessa cultura pelo cinema, a verdade é que só integrados em associações devidamente organizadas podem os estudantes participar melhor no esclarecimento do cinema e nos benefícios que possam advir da sua assistência aos filmes. Deste modo, a criação de cine-clubes, de centros experimentais, de ciclos de conferências, de seminários de estudo, é fundamental. É fundamental como actividade circum-universitária, como complemento da formação humanística do estudante, pois é o seu espírito de liberdade associativa que deve levá-lo a organizar-se para melhor compreender e beneficiar do cinema. Entre nós, felizmente, há exemplos de tudo isto (bastará citar os dois cine-clubes universitários de Lisboa, o Estúdio Universitário de Cinema, o Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra e o Cineclub Universitário do Porto, cuja reorganização é importante) e demonstrar que o universitário português se quer integrar na cultura moderna, pelo gosto do cinema.

Mas o estudante tem ainda uma grande tarefa a cumprir através do cinema. Ele tem o dever de procurar integrá-lo no processo educativo como um meio audiovisual de ensino. Alguns cine-clubes tem-no tentado (lembramos, a título de exemplo, alguns filmes sobre o ensino da economia passados na Faculdade de Economia do Porto pelo seu Cineclub Universitário ou as experiências feitas nesse sentido pelo C. E. C. da Associação Académica de Coimbra) mas é necessário que a Universidade, pela voz dos seus alunos, faça compreender que o cinema faz parte do ensino moderno. Entre nós, por exemplo o próprio ensino primário está já a equipar as Escolas do Magistério com material audiovisual de ensino. Porque não lhe segue o exemplo a Universidade? Ainda aqui fica ao dispor do universitário um vasto campo de actividade.

E queremos afirmar ainda que o universitário se pode exprimir pelo cinema como se exprime no teatro, na música, na literatura. Será necessário lembrar o T. E. U. C., os Orfeões, a Orquestra Universitária de Lisboa, as páginas literárias de jornais académicos? E filmes? Bem sabemos que não se faz um filme com a mesma facilidade com que se escreve um livro, até porque uma máquina de filmar, mesmo de formato reduzido, é muito mais cara do que um lápis...

(Continua na pág. seguinte)

FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME DE LOCARNO

Integrado no XII Festival Internacional do Filme de Locarno, que se realiza nesta cidade de 21 a 31 de Julho reúne-se aqui um Congresso com o objectivo de estudar os problemas de cinematografia para a juventude, sob o patrocínio da UNESCO.

A história do cinema mexicano será apresentada este ano por meio de uma exposição de fotografias de filmes, realizando-se também uma retrospectiva da obra do realizador Luis Buñel, com películas cedidas pelas cinematecas da Suíça e da França.

Dois júris, constituídos por personalidades do mundo cinematográfico internacional, atribuirão aos melhores filmes os prémios «Vela de Ouro» e «Vela de Prata», respectivamente destinados às longas e curtas metragens.

O ORFEÃO ACADÉMICO NOS AÇORES

De 18 a 25 de Abril passado o Orfeão Académico de Coimbra deslocou-se em digressão artística aos Açores.

Os espectáculos foram realizados em Ponta Delgada, sendo um no Teatro Micaelense e outro no Coliseu, na Ribeira Grande, na Base das Lages dedicado aos oficiais portugueses e americanos da Base, no Teatro de Angra do Heroísmo, e em Vila do Porto, na Ilha de Santa Maria.

(Continua na pág. seguinte)

O HOMEM DO RICKO TASHO

O Curso de 1955-60 de Económicas e Finanças levou à cena no passado dia 17, no palco do Capitólio, a tradicional recitação de fim de curso. A revista intitulou-se este ano «O Homem do Ricko Tasho», título extraído de um filme japonês recentemente exibido em Lisboa. Numerosas pessoas, entre professores, alunos e famílias, encheram a sala do Parque Mayer para passar uma noite de alegria e «charges» académicas. E por bem aproveitada deram a noite todos os que assistiram ao espectáculo. Foram mais de quatro horas de constante expectativa e gargalhada. Os mestres e as suas atitudes, o ambiente do Instituto e o dia a dia escolar foram alvo de crítica, ora impiedosa, ora amena, dos autores da revista, que o programa expressamente declarava serem «muitos» para que representassem «todos».

Os autores de cerca de meia centena de quadros mostraram-se com veia, não lhe ficando atrás os intérpretes, ao menos em boa vontade. Para o êxito de «O Homem do Ricko Tasho» contribuíram em larga medida Pedro Lemos, que ensaiou o poema; Charles, que ensaiou os bailes, e o maestro Fernando de Carvalho, que dirigiu a parte musical.

NEM TUDO SE PERDE NO AR!

A PROPÓSITO DE UMA ENTREVISTA COM JOSÉ EDUARDO ELYSEU AOS MICROFONES DE R. U.

Cine-Jornal é um programa de cinema elaborado por Leonardo Ferraz de Carvalho e transmitido todas as quintas-feiras por Rádio Universidade.

Num dos últimos programas Cine-Jornal entrevistou José Eduardo Elyseu, um jovem de 24 anos que enveredou pelo difícil trilho da arte cinematográfica. Embora ainda desconhecido para muitos dos nossos leitores, Eduardo Elyseu, foi aluno da Faculdade de Letras e do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos.

Estudou também durante algum tempo estética do teatro no Conservatório Nacional. Depois foi deabalada até Inglaterra e na London School of Film Technique especializou-se em argumentos e realizações. Escreveu uma peça, «O Jantar», que foi representada com muito êxito na «English Stage Society».

Em 1959 tirou o curso de encenação teatral no «Actors Workshop».

José Eduardo Elyseu viu premiado todo o seu esforço e dedicação pela sétima arte ao ser este ano contemplado, e muito justamente, com o 1.º prémio no concurso de argumentistas da revista «Movie Makers».

Bastaria este palmarés (e não nos esqueçamos da sua idade...) para que José Eduardo Elyseu tivesse as honras de ser trazido ao conhecimento de todos que se interessam verdadeiramente pelo cinema. E em Portugal reais valores ainda não abundam...

Na entrevista que concedeu a R. U., Eduardo Elyseu afirmou antes de mais o seu desejo de continuar a trabalhar e a estudar

em prol de um cinema nacional melhor.

Quanto a projectos futuros, disse, a determinada altura ser sua intenção fazer um filme sobre Lisboa, do género documental, a que pensa dedicar especial atenção, em moldes muito diferentes do que até hoje se tem feito.

Seria impossível (embora do maior interesse) transcrever mais passos da entrevista.

Mas o que se disse é suficiente para se compreender que nem tudo se perde no ar... desta vez ficou a certeza de um jovem que quer e pode fazer bom cinema e a promessa de um bom documentário!

GARRAIADA

Mais uma vez e acompanhando a tradição levou a efeito a Associação dos Estudantes de Medicina Veterinária no dia 15, na Praça de Algés a sua garraiada.

Este ano a garraiada foi uma confraternização entre antigos e actuais alunos.

«O Pau de Fios», o «Kricas», o «Meialeca», o «El Aparas», etc., actuaram com tanto ou tão pouco brilho (?) que não raras vezes se ouviram frenéticos e entusiasmados «bis» — de mistura com as não menos estridentes gargalhadas.

Uma festa digna da tradição, eis o que foi, em resumo, a garraiada dos estudantes de Veterinária.

A SERENATA DE COIMBRA NA TAPADA DA AJUDA

Promovida pela Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Agronomia, realizou-se no «Auditorium» da Tapada da Ajuda uma «Serenata de Coimbra», que atraiu ali grande número de ouvintes. O esplêndido ambiente, a quietude, a moldura do arvoredo valorizada pela iluminação, tornam aquele «Auditorium» local privilegiado para manifestações artísticas ao ar livre. Com a «Serenata» de ontem, a evocar as das escadarias da Sé Velha, a beleza poética do recinto mais se acentuou; a plangência saudosista, o carácter idílico e romântico dos fados, das baladas e das guitarradas coimbrãs vincaram-se, sublimaram-se, no apaixonado tom das vozes e na perícia dos instrumentos.



Uma cena da revista dos futuros «Economistas»

HOMENAGEM DA ACADEMIA DE COIMBRA AO INFANTE D. HENRIQUE

No passado dia 7 realizou-se uma romagem ao túmulo do Infante D. Henrique, na Batalha, dos estudantes da Academia de Coimbra acompanhados pelo vice-reitor da Universidade, prof. dr. Carlos Moreira, directores de Faculdades e professores. O grupo Académico constituído por 400 estudantes que saíram de Coimbra às 14 horas, testemunhou assim o seu apreço ao grande homem que foi o Infante. Cantaram junto ao túmulo do Infante o Orfeão Académico e o Coral da Faculdade de Letras. Usou da palavra o reverendo dr. Pinto Carneiro referindo-se ao alto significado do acto e à grande obra desse ilustre português.

Mais uma vez a academia de Coimbra soube dizer presente nestas Comemorações Henriquinas levando junto do seu túmulo a homenagem que todos nós portugueses devemos ao Infante.

FILATELIA

O nosso jornal não podia ficar indiferente ao grande entusiasmo pela filatelia que se está a verificar entre os jovens. Assim, abre as suas colunas a uma secção filatélica que, esperamos, traga os melhores proveitos a todos os colegas que se interessam pelos selos.

Em todos os números serão indicadas as séries de Portugal e Ultramar que estejam para ser postas em circulação assim como todos os esclarecimentos que nos forem pedidos.

Aos colegas, portugueses e estrangeiros, que desejem efectuar trocas, o nosso jornal publicará gratuitamente os seus nomes.

Para tal, deverão os interessados endereçar à «Secção Filatélica de «Vida Universitária» um simples postal indicando, além

do nome, morada, ano e curso que frequentam, as trocas que desejam efectuar.

Esperamos que a ideia tenha bom acolhimento e a colaboração de todos os que se dedicam a filatelia.

Emissão de selos postais para o Ultramar Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique

Vão ser postos a circular 8 novos selos dos C. T. T. U. um para cada provincia ultramarina, comemorando o V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

Os selos são da autoria de José de Moura e foram executados pela Casa da Moeda. As tiragens vão desde 200.000 a 750.000 e as taxas são as seguintes: 2\$00, para Cabo Verde; 2\$50, para a Guiné e Angola; 3\$00, para o Estado da Índia; 4\$50, para Timor; 5\$00, para Moçambique; 10\$00 para S. Tomé e Príncipe; e duas patacas para Macau.

Será editada uma série de envelopes alusivos ao mesmo acontecimento nos quais serão apositos carimbos especiais referentes ao primeiro dia da circulação dos referidos selos.

realização de outras maiores e mais bem organizadas.

Realizou-se recentemente, em Barcelona, o 1.º Congresso de Filatelia e uma Exposição Filatélica Internacional onde o eminente filatelista português sr. Eduardo Cohen obteve o grande prémio Internacional. A Eduardo Cohen os nossos parabéns.

— Sai em Agosto a série de selos comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique com as seguintes franquias: 1\$00; 2\$50; 3\$50; 5\$00; 8\$00 e 10\$00.

— Vai realizar-se em Outubro próximo uma exposição filatélica integrada nas Comemorações Henriquinas à qual poderão concorrer todos os estudantes do ensino Universitário, Liceal e primário.

— O Clube Filatélico do Centro está a organizar uma exposição filatélica a levar a efeito em Coimbra, por altura das Festas da Rainha Santa Isabel.

— Deve sair no próximo dia 2 de Junho uma série de selos em homenagem ao Padre Cruz.

O ORFEÃO ACADÉMICO NOS AÇORES

(Continuação da pág. anterior)

Esta digressão constituiu, para este organismo académico, mais um completo êxito artístico e social, tendo sido os seus elementos recebidos com grande carinho e simpatia pela saudade de todos os antigos estudantes residentes agora naquele arquipélago e pelo hospitaleiro e a todos os títulos nobre acolhimento dispensado pelas autoridades e populações.

Segundo nos foi dito pela amável direcção do Orfeão na pessoa do nosso colega João Dias, a embaixada académica que foi acompanhada pelo sr. Prof. Dr. Ibérico Nogueira, ilustre professor de Obstretícia da nossa Faculdade de Medicina e pelo governador civil do distrito, sr. engenheiro Horácio de Moura, honrou mais uma vez as tradições da nossa academia e agradece a todos os que contribuíram para o sucesso de mais uma embaixada cultural da Universidade de Coimbra.

PARTICIPAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO NO CINEMA

(Continuação da pág. anterior)

Mas nada impede os centros especializados (ou a própria Universidade, que assim se pode servir dos alunos para fazer filmes que julgue necessários) de, uma vez obtidas as receitas suficientes, se lançarem na produção de fitas. Este facto iria despertar desde logo um grande entusiasmo e lançaria na profissão alguns universitários mais afoitos. A sua preparação cultural serviria de filtro num meio onde a incultura é a nota predominante. Os universitários fazendo cinema? E porque não? Ainda há pouco o C. E. C. de Coimbra filmou a viagem do seu Orfeão aos Açores, preparando-se para registar factos da vida académica, numa tentativa de museu académico filmado. E mesmo que não se dedique à feitura de filmes, o universitário tem ao seu dispor a critica e o ensaio. Não são universitários alguns dos melhores críticos e ensaístas portugueses? Tudo isso é possível, tudo isso precisa de entusiasmo e fé.

★

Directamente relacionado com a questão, porém, está o segundo aspecto do problema do universitário frente ao cinema: a criação de uma Faculdade ou Escola Superior de Cinema, capaz de diplomar em cinema os universitários que a frequentassem. Nos quadros da universidade surgiria assim uma nova especialização, diplomando profissionais como a Faculdade de Medicina diploma médicos ou a Faculdade de Direito diploma advogados. Passaria a haver uma formatura em cinema e o universitário passaria a servir o cinema.

Compreende-se perfeitamente esta necessidade de uma escola superior de cinema. O cinema é uma arte e uma técnica, precisa de especializar indivíduos que reúnem as duas qualidades a artística e a técnica, como acontece aliás em todas as artes e em todas as especializações universitárias. A indústria do cinema necessita de homens preparados e nada melhor que uma boa formação universitária para esse fim.

Entre nós, o problema põe-se com agudeza, pois é notória a falta de cultura do nosso cinema e dos nossos cineastas. Acresce ainda porém, que uma escola dessas só será viável quando a produção pudesse absorver essas dezenas de cineastas que todos os anos se formariam. Caso contrário, a formatura em cinema só viria provocar uma crise de emprego.

Parece, pois, que a solução, para o momento, estaria em criar duas cadeiras de cinema nas Faculdades de Letras ou nas Escolas de Belas-Artes, pois é no campo do humanismo e da arte que mais se faz sentir a crise de cinema no nosso país. Cadeiras de História e Estética Cinematográfica viriam enriquecer o conhecimento cinematográfico do universitário através da própria universidade. Tanto basta para que tenha justa base a pretensão de criar duas cadeiras daquele tipo nas Faculdades de Letras ou nas Escolas de Belas-Artes.

E são estas, ao fim e ao cabo, as considerações que me pareceu oportuno tecer sobre a participação do universitário do cinema. Se o problema for encarado em todas as suas dimensões, então algo de grande se poderá fazer pela renovação da nossa Universidade, dos nossos universitários e do nosso cinema. Sirva-nos de exemplo a Itália, onde o Centro Experimental de Cinematografia diplomou e preparou os melhores nomes do moderno cinema italiano. Ainda haverá velhos do Restelo?

LUIS DE PINA

NOTÍCIAS DE FILATELIA

Encontra-se patente ao público na Associação Académica do Instituto Superior Técnico uma exposição filatélica dos alunos da quele estabelecimento de ensino.

A exposição é composta de 11 quadros de 5 expositores não revelando um espírito de competição mas sim uma propaganda filatélica no meio universitário de Lisboa.

Esperamos que esta primeira exposição sirva de estímulo a

FESTA NA REPÚBLICA DA BOTA-A-BAYXO

Na típica Real República do Bota-A-Bayxo comemorou-se mais um aniversário da sua fundação, reunindo-se nos seus Paços, actuais e antigos elementos.

A noite realizou-se um grande e animado jantar de confraternização que decorreu num alegre ambiente de amizade académica, não faltando discursos proferidos pelos antigos elementos.

Como de costume a festa terminou numa serenata em que se ouviram os melhores cantores e guitarristas da Academia de Coimbra.

NOTICIÁRIO

DOCTORAMENTO EM COIMBRA

Em Coimbra concluiu no passado dia 3 as provas para professor catedrático de Ciências Matemáticas o prof. dr. Manuel

a presidência do prof. dr. José Carlos Moreira, vice-reitor, acompanhado dos professores catedráticos em exercício da Faculdade de Ciências de Coimbra, do professor jubiloso dessa Faculdade prof. dr. Pacheco de Amorim e ainda do prof. dr. Rodrigo Sarmento Beires da Universidade do Porto.

Houve duas sessões: na primeira, o candidato proferiu uma lição sobre «Curvas de Regressão» e a outra foi dedicada à apreciação dos trabalhos publicados pelo candidato e demais «currículum» académico pelos professores dr. Pacheco de Amorim e dr. Manuel dos Reis.

★

O prof. Moses Amzalak, reitor da Universidade Técnica de Lisboa, assistiu às celebrações do 4.º centenário da Universidade de Lille, onde recebeu as insígnias de doutor honoris causas.

★

SECÇÃO DE INTERCÁMBIO DA ASSOCIAÇÃO A. DE COIMBRA

— A Secção de Intercâmbio da Associação Académica de Coimbra vai realizar durante as próximas férias grandes um campo de trabalho com duração dividida por dois períodos. Terá lugar na minhota vila Praia de Ancora.

— A mesma Secção de Intercâmbio comunicou-nos que, como resultado positivo de uma sua campanha e de diligências efectuadas conseguiu saber que, à semelhança do realizado em outros países poderão receber estudantes nacionais e estrangeiros durante o período de férias as seguintes instituições e estabelecimentos de ensino:

Evora — Colégio Nun'Álvares — Masculino — Diária: 30\$00; marcação antecipada — durante todas as férias.

Figueira da Foz — Colégio de Santa Catarina — Misto — Diária: 40\$00.

Braga — Colégio do Sagrado Coração de Maria — Masculino — Diárias de 35\$00 a 60\$00.

CARTAZ

«Vida Universitária» publicará gratuitamente pequenos anúncios, desde que não ultrapassem 5 linhas, e se destinem exclusivamente a assuntos de interesse Universitário.

COMPRAM-SE:

— Código Civil. Resposta à V. U. ao n.º 11.

— Sebenta de Farmacofísica. Edição actualizada incluindo óptica. Resposta à V. U. ao n.º 12.

— Geometria Descritiva de F. J. Resposta à V. U. ao n.º 13.

— Tratado de Anatomia Descritiva. Tradução espanhola. Resposta à V. U. ao n.º 14.

VENDEM-SE:

— Formulário de Hidráulica

— Geral. Por Manuel Alves Costa (ed. 1916).

— Fundamentos da Geometria. Por David Hilbert (trad. da 7.ª edição alemã).

— Curso Prático de Geometria Descritiva. Por Humberto Meneses (1943).

— Hidrologia General Agrícola. Por Pedro M. Gonzalez Quijano (editora Carfesa).

— Lições de Geometria Descritiva (livro I). Por Prof. Doutor Borges de Sequeira (4.ª edição de 1945). Respostas ao n.º 15.

GREGÓRIO MARAÑÓN

EVOcado EM SESSÃO PLENÁRIA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Sob a presidência do prof. dr. Reinaldo dos Santos, que estava ladeado pelos prof. Ibañez Martín, embaixador de Espanha, e profs. Moses Amzalak, Amorim Ferreira e Pereira Forjaz, reuniu-se no passado dia 26, a sessão plenária da Academia das Ciências. A sessão foi dedicada à memória do insigne cientista espanhol dr. Gregório Marañón, há pouco falecido.

Falou em primeiro lugar, o prof. dr. Reinaldo dos Santos, não para traçar um elogio do evocado (se bem que tivesse citado alguns passos da sua vida, principalmente os passados juntamente com ele — desde o Verão de 1916), mas sim para fazer a apresentação dos dois ilustres oradores, que iriam falar sobre Marañón: o prof. Toscano Rico e o dr. Augusto de Castro.

O prof. Toscano Rico começou por dizer que a sessão era dedicada à memória do dr. Gregório Marañón, que pertenceu à Academia. Homem de ciência mundialmente conhecido e glorificado, clínico ilustre, pensador genial, literato primoroso, foi um alto valor humano e espiritual. A Academia, que ele admirava, cumpria uma das funções mais gratas, celebrando a sua figura prestigiosa. Chamou a atenção para a vastidão da obra de Marañón no campo das ciências médicas. Passou largamente do milhão o número de publicações. Mas a obra era também notória pelo valor e interesse das ideias expandidas sobre os vários temas versados. A endocrinologia foi o assunto mais tratado. Marañón toda a sua vida acompanhou a evolução desta ciência, contribuindo eficazmente para o respectivo desenvolvimento. Indicou a larga comparticipação das secreções internas na fisiologia normal e patológica dos indivíduos. Citou algumas passagens que traduzem a forma de pensar de Marañón nos fenómenos da sexualidade, do crescimento, etc. Depois mencionou a atitude de Marañón quanto à Ciência e considerou-o um investigador clínico, mas não um experimentador. Lembrou os nomes dos sábios portugueses Marck Athias e Celestino da Costa e a criação das sociedades lusa e espanhola de endocrinologia. Referiu-se largamente à evolução da medicina moderna, de feição nitidamente

experimental, e recordou o modo como Marañón criticava os excessos doutrinários e dogmáticos de algumas correntes modernas. Marañón concebia a medicina no sentido humanístico e hipocrático, valorizando principalmente o doente, em quem respeitava a própria essência humana. A cultura médica espanhola deve-lhe uma obra de larga projecção exterior e a medicina algumas das mais belas páginas que em todos os tempos lhe foram dedicadas. O orador lembrou ainda que Marañón recebeu os graus de doutor «honoris causa» nas Faculdades de Medicina do Porto e de Coimbra; e exaltou, mais uma vez, ao terminar, a memória do ilustre escritor e homem de ciência.

Falou depois o dr. Augusto de Castro, que principiou assim o seu discurso:

«Ao evocar na penumbra desta sala, que ainda recorda a sombra gloriosa de Marañón e a claridade, tocada pelas asas do génio, do seu olhar, que conheceu todas as curiosidades da Inteligência — ao evocar aqui a figura de Marañón acodem-me ao espírito aquelas palavras admiráveis que ele consagrou à memória do seu amigo Menéndez y Pelayo: «Eu procuro sempre o homem, mesmo no grande homem, que é às vezes tão pouco humano; procuro-o porque creio que ele é sempre o essencial. A obra, por maior que seja é feita de humana imperfeição. O homem que a cria subjugam-nos mais, porque tem a marca da mão criadora da Divindades.

Eugénio Montes, de tão pessoal talento, dizia-me um dia que, para ele, os homens se dividem em duas categorias — os homens substantivos, que são os criadores, os condutores; e os que os seguem, os completam por vezes, encostados a eles ou marcham na sua esteira e são os homens adjectivos. Penso que a consideração de Marañón acerca da superioridade da condição humana sobre a criação dos espíritos se aplica essencialmente aos primeiros, aos homens substantivos, em relação à sua obra. Nos outros, os que acompanham e adjectivam apenas, é a obra tal, vez que os domina. Nessas a obra pode valer mais do que eles.

Mas Marañón pertence à primeira estirpe. Há, na vida, os homens que vivem sós com as suas ideias — e os homens que vivem com as ideias dos outros. Maior do que a sua grandé e múltipla obra — de médico, criador de Ciência; de escritor, modelador do pensamento e de Arte — é o sopro humano, a inspiração, a glória que animaram a sua existência, a irradiação da sua simpatia e da sua ansiedade, inalteravelmente votadas a todas as grandezas e a todas as belezas da nobreza de pensar e de viver que ele amou e serviu.

Prosseguindo, o orador citou passos da vida de Marañón, desde que nasceu até se fixar em Santander, onde se criaram as primeiras asas da sua imaginação. Ali passou a infância e ali conheceu Menéndez y Pelayo, que tão grande influência teve nas inclinações e sobre a inteligência do jovem. O célebre romancista Perez Galdós foi outra figura que muito ajudou a desabrochar a sensibilidade literária de Marañón, a quem revelou a sublime imortalidade de Toledo e a vocação de Greco. Seria na cidade debruçada sobre o Tejo que, mais tarde, escreveria quase todos os seus livros. Toledo ficou como uma devoção.

Nas palavras do dr. Augusto de Castro perpassou o interesse de

Gregório Marañón pelo estranho génio de Greco, patente sobretudo na assombrosa reconstituição de «António Perez», que é talvez o seu livro mais completo. Subtil construtor e comentador da vida, conseguiu a universalidade do seu talento e da sua obra. Foi o grande senhor da inteligência espanhola e, simultaneamente, um dos mais enraizados espanhóis do seu tempo, até como mostrava quando viajante.

O dr. Augusto de Castro, terminou assim a sua brilhante alocução, não antes de ter revelado, que o grande cientista espanhol preparava, quando a morte o levou, uma obra sobre Afonso de Albuquerque.

E, ao findar esta evocação e ao ouvir de novo essa voz, recordo as palavras do próprio Marañón: «A maioria dos homens, incluindo muitos de vida aparatosa, morrem para ser enterrados. Alguns, poucos, às vezes, apagados na vida mortal, morrem para ressuscitarem.

«A gratidão humana escolheu, para simbolizar e enaltecer essas frágeis ressurreições humanas, dois materiais pobres: o bronze e o mármore. Há na múltipla e vasta obra de Marañón reservas suficientes desse mármore e desse bronze para poderem assegurar, viva para os vindouros, a perpetuidade da sua grande memória.

Por fim, o prof. Reinaldo dos Santos agradeceu a presença dos altos representantes da Espanha e das Universidades e aos oradores, e encerrou a sessão.



Gregorio Marañón doutor «Honoris Causa» pela Universidade de Coimbra

«O HOMEM E O ESPAÇO»

Visitada por mais de 20.000 pessoas esteve patente ao público em Lisboa, no Palácio da Independência, uma exposição em que se mostrava o esforço ocidental para a conquista do espaço.

A imaginação humana quase

é ultrapassada pelos exemplos apresentados ao avanço da ciência e do progresso da técnica. O que esteve nessa exposição representa uma ténue visão do futuro — de um futuro que está ainda distante, muito distante, e talvez por isso mesmo mais curiosidade fará aos homens de hoje.

Entre outro material americano de astronáutica, vimos a autêntica cápsula do «Little Joe», devidamente recuperada, vendendo-se perfeitamente os lugares ocupados por macacos e por ratos. Destes ratos, vieram expressamente da América cinquenta e três. Têm uma alimentação especial e vivem em espaços envolvidos por fortes paredes de plástico. Em viagem, cada um dos ratos do espaço possui um emissor de rádio ligado a electro, dos mergulhados no corpo do animal. O tamanho do emissor e o de uma caixa de fósforos e está montado nas costas do animal como se fosse uma sela. O peso é de 20 gramas e a alimentação é feita por uma bateria de mercúrio, do tamanho de um botão de camisa. O alcance é de cerca de um metro, sendo a retransmissão feita depois para a Terra por intermédio dos emissores de telemetria do satélite.

Uma das atracções populares da exposição foi, sem dúvida, o homem do espaço. Permanece, rá no local da exposição um homem envergando o traje já experimentado e aprovado para as singulares viagens.

Na exposição figuram também um modelo, à escala de 1:10, de um foguetão «Atlas» do tipo que será utilizado no «Projecto Mercúrio», e ainda três mil quilos de engenhos e modelos diversos, entre os quais, a góndola do balão em que o então major Simons se celebrou em 1957, ao permanecer, durante cerca de dia e meio, a 32.000 metros de altitude; a ogiva de um foguetão de sondagem «Aerobes», com a sua carga de instrumentos destinados a medir temperaturas, pressões e radiações na alta atmosfera e aparelhagem necessária para o transporte e recuperação de dois macacos e onze ratos; a cápsula de um satélite «Descobridor», igual àquelas que por mais de uma vez têm sido submetidas a

A REFORMA URGENTE DO INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS ULTRAMARINOS

Por ANTUNES VALENTE

Quem possua uma leve noção da actual conjuntura política internacional, no capítulo da política africana, da política ultramarina, não terá dificuldade em concluir da urgente e inadiável necessidade de se analisar, convenientemente, a nossa projecção nessa conjuntura política. A análise a fazer nesse sentido deverá caminhar, parece-nos, num movimento ascensional, portanto, de baixo para cima, com a preocupação primária de estruturar e reformar, conscientemente, porque as determinantes da actual política internacional exigem a máxima ponderação e cautela na satisfação de qualquer problemática.

Na tentativa de esquematização de tal estudo, apresenta-se-nos, na primeira página, a importância capital que devemos dedicar à cultura das populações ultramarinas que são objecto da nossa tradicional política de convivência. Estas gentes pertencem a variadas etnias, ocupam territórios espalhados por todo o mundo, num prolongamento singular da PATRIA LUSITANA. Temos sobre esses territórios e sobre essas gentes responsabilidades de quatro séculos; derramamos, nesses territórios, o sangue de missionários e colonizadores heróis para levar a efeito uma missão sublime que nos individualizou na obra da colonização que ainda prossegue amparada aos mesmos princípios traçados na Escola de Sagres, na Escola do Infante, princípios que

serão continuados na sua pureza até esse plano completar a mais nobre página da História de Portugal.

Definida, assim, a nossa missão no aspecto básico, convém oferecer os meios indispensáveis para que aqueles princípios encontrem a sua consumação no trabalho que realizamos. O estudo sério e aturado dos povos indígenas nos seus aspectos múltiplos constitui o meio indispensável que apontamos. Este estudo começou a sistematizar-se, entre nós, com a fundação, em 1906, da Escola Colonial que veio de encontro ao interesse mundial pelas questões africanas registado, intensamente, nos fins do século XIX e princípios do século XX. Este verdadeiro centro de investigação e de estudos ultramarinos acompanhou sempre a evolução dos acontecimentos, reformando os seus programas de ensino quando o aperfeiçoamento dos conhecimentos científicos o exigissem, realçando-se, nessa organização, a obra efectuada pelo ilustre colonialista João Belo ao elevar aquela Escola ao nível universitário à semelhança do que acontecia noutros países com territórios subdesenvolvidos. Apareceu, como dissemos, a Escola Superior Colonial convertida, em 1954, no actual Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Ora, acontece que a organização e os programas de ensino que estruturaram os cursos aqui ministrados estão

(Continua na pág. 11)

(Continua na pág. 11)

FALECEU O ESCRITOR BORIS PASTERNAK

Com 70 anos, faleceu o poeta e romancista soviético Boris Leonidovitch Pasternak, Prémio Nobel da Literatura.

A sua morte representa para as letras mundiais, a perda de um dos nomes mais consagrados do nosso tempo.

A publicação de «O Doutor Jivago», tornou Pasternak um dos autores mais lidos em todo o mundo e a sua renúncia ao prémio que em Outubro de 1958 a Academia Sueca lhe concedeu, veio contribuir ainda mais para a divulgação da sua obra.

Embora Pasternak não seja um escritor anticomunista, a tradução das suas obras em quase todos os idiomas demonstrou bem que o seu espírito se encontrava para além das lutas ideológicas que dividem o mundo.

O REITOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO RECEBEU A CRUZ DE COMENDADOR DA ORDEM DE MÉRITO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA

Por motivo dos relevantes serviços prestados à causa das relações culturais luso-alemãs, o reitor da Universidade do Porto, prof. dr. Amândio Tavares, foi distinguido com a Cruz de Comendador da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha.

A cerimónia da imposição daquele grau honorífico efectuou-se durante uma recepção realizada na residência particular do cônsul daquele país na cidade do Porto, dr. Lothz Slegsmund que disse quanto lhe era sumamente grato desempenhar a tarefa que lhe fora confiada pelo presidente da República Federal da Alemanha de entregar ao reitor da Universidade do Porto a condecoração que lhe acabava de ser concedida, pelos relevantes serviços prestados à causa das relações culturais luso-alemãs. Depois de salientar o prestígio de que o prof. dr. Amândio Tavares goza na Alemanha, pois não é ignorado o contributo por ele dado para o rejuvenescimento da Universidade do Porto, acrescentou que durante o seu reitorado desenvolveram-se de mais feliz maneira os intercâmbios culturais e científicos entre Portugal e a Alemanha.

Acentuou, a seguir, que ao forte e compreensivo apoio do homenageado se deve a criação de cursos de língua alemã, a organização de conferências sobre literatura naquele idioma e finalmente a fundação do Instituto de Cultura Alemã. Na sua história milenária — disse — «Portugal empregou sempre os seus melhores esforços para a obtenção de boas relações com o estrangeiro e cedo teve a justa visão de quanto tais relações podiam unir os povos e estabelecer fortes elos. Desde há séculos que a Alemanha ocupa um lugar seguro entre os amigos de Portugal. Começaram já no século XVIII as traduções de livros portugueses na Alemanha. E a memória da alemã Carolina Michaëlis de Vasconcelos, professora de filologia germânica e românica na Universidade de Coimbra, mereceu na cidade do Porto ser perpetuada num dos seus liceus».

Ao terminar as suas palavras, o cônsul da Alemanha afirmou que na nossa época, a amizade dos povos para além fronteiras tomou uma significação ainda mais profunda e que justamente agora se caracteriza pelos esfor-

ços de unidade e aproximação dos povos, no plano político, económico e cultural. Finalmente, disse que o povo alemão e o seu Governo desejam patentear ao reitor da Universidade o seu reconhecimento pela acção tão valiosa na intensificação das relações de cultura e amizade entre a Alemanha e Portugal — contribuição esta que se torna também patente nas relações cada vez mais florescentes entre a Universidade do Porto e as diversas universidades do seu país.

Em resposta, e depois de lhe ter sido entregue a Cruz de Comendador da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha, o reitor da Universidade do Porto agradeceu a honrosa distinção, confessou-se desvanecido pelas palavras em que fora envolvido e que considerou enaltecimento exagerado. Frizou que a recompensa que o Governo da República Federal da Alemanha lhe conferira, supera, de longe, de muito longe mesmo, os serviços porventura prestados, acentuando que via naquela recompensa mais um testemunho de apreço pela Universidade do Porto. O ambiente existente de simpatia e carinho por tudo quanto represente cultura tem permitido conjugar esforços cada vez mais fecundos e dignos da amizade dos dois países, como fora altamente citado pelo cônsul da Alemanha.

Referiu-se, depois, a uma actividade cultural que havia sido suspensa há anos e que renascera com uma forma nova e com objectivos mais amplos: o Instituto de Cultura Alemã, que tem desenvolvido notável incremento no intercâmbio cultural luso-alemão. Após outras considerações, pediu ao cônsul que transmita ao seu Governo agradecimentos e homenagens de gratidão, e endereçou também o seu preito a quantos se dedicam ao ressurgimento da nova Alemanha. A propósito, salientou a sua importância nos destinos da Europa, acentuando que os intelectuais, os obreiros do espírito, podem realmente ter um grande papel numa comunidade de paz e de concórdia. Depois de ressaltar os valores morais e espirituais, acrescentou que a Universidade do Porto tem acolhido e acolhe de braços abertos tudo que represente cultura dos países amigos ao serviço da verdade e da exaltação dos valores humanos.



(Continuação da pág. 1)

espírito pouco habituado a lidar com entes super-poderosos, embora de vistas estreitas.

F. G.

TARDE DESPORTIVA

As festas da Queima das Fitas, continuaram com a realização da tarde desportiva. O tempo apresentava-se brumoso, um tanto ou quanto instável mas o interesse pela manifestação desportiva da tarde não esmoreceu. Para mais houve a presença de S. Ex.^a o Chefe do Estado, que assistiu à

QUEIMA DAS FITAS

Serenata com que se iniciou a Queima.

Era chegada a hora dos encontros, que se realizaram no Estádio Municipal foi grande a afluência de público. Já o Estádio se encontrava bem emoldurado de gente, ainda não soado o apito do árbitro, para dar início ao primeiro encontro que se efectuou. Este primeiro encontro entre duas equipas de jovens, saídos da escola de jogadores da Associação Académica.

O jogo decorreu animoso, havendo boa réplica de ambas as partes.

Acabado o desafio que agradeceu, entra S. Ex.^a o sr. almirante Américo Tomás seguido de longa comitiva. O público aplaude, e a Banda da Polícia, ataca o hino nacional. Mais aplausos.

O encontro principal, entre as equipas da Seleção Universitária de Coimbra e o S. E. U. de Madrid que se realizou.

Os jogadores tomaram os seus lugares no terreno e o encontro iniciou-se. Notando-se nítida superioridade técnica da equipa portuguesa o jogo começou a pender para a grande área dos visitantes.

Estes, embora dando réplica, e tendo mostrado alguns bons apontamentos de futebol, não conseguiram vencer a superioridade da equipa de Coimbra, e o encontro terminou com a vitória dispar por 5-0, com 3-0 ao intervalo.

Arbitrou o sr. César Correia que realizou trabalho agradável.

As equipas alinharam:
COIMBRA — Gomes da Silva (Fevereiro); Carrilho (Rabaça) e Manecas; Orlando Vieira (Vilela), Delfim (Avidago) e Abreu; Arlindo, Vítor (Alcino), Gonçalves, Rui Maia e Duarte.

MADRID — Muíña (Costa); Sanz e Lancho; Vinãs, Corsal e Álvaro; Tomaz, Molina (Oyoregui), Mata (Mendaña), Sanchez e Medrano.

Quando o encontro chegou ao intervalo o sr. Presidente da República retirou-se sendo ovacionado.

SARAU DE GALA

Realizou-se no Teatro Avenida o Sarau de Gala da Queima das Fitas de 1960.

Com lotações esgotadas, come-

çou o espectáculo com a apresentação da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, sob a regência do engenheiro Francisco Alves Ferreira. Ouviu-se com muito agrado o Hino Académico que a assistência escutou de pé, «Marcha Ribatejana», «Gaiteiros», «Danças Portuguesas (Rapsódia)», «Marcha do Vapor».

Diluídos os aplausos quentes no silêncio introdutor do «Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra», preparámo-nos para mais uma audição deste prestigioso agrupamento, dirigido pelo dr. Francisco Faria.

O programa da CELUC consistiu de «Dois corais la Paixão segundo S. Mateus», de J. S. Bach,

tabillo de Don Cristobal». No final, a peça foi vibrantemente aplaudida. Antes do início da segunda parte teve lugar a distribuição dos prémios respeitantes aos Jogos Florais e ao Concurso de Artes Plásticas.

A segunda parte foi inteiramente preenchida por um concerto a dois pianos, pelo duo Noémia Sarmento de Brederode e Maria Helena Leite de Matos Silva, que interpretaram:

Variações sobre um tema de Haydn (Brahms); Gracia, das «Danças Aadaluzas» (Manuel Infante) e «Scaramouche» (Darius Milhaud).

A terceira parte foi integralmente preenchida por Luís de Lima que se apresentou em Pantominas e Arlequinadas de sua autoria, números bastante aplaudidos pelo público. Assim numa atmosfera de alegria e boa disposição, terminou a Tarde de Arte, integrada nos festejos da Queima

das Fitas da Universidade de Coimbra.

BAILE DE GALA

Mais uma vez, a Comissão do Baile da Queima das Fitas soube honrar o título que anos após anos lhe tem sido conferido como o melhor baile da Península.

Respeitando a velha praxe, lá compareceram as capas e batinas de colarinhos engomados, os fraques e os vestidos compridos das senhoras. Animo o baile o famoso quarteto italiano de Marino Marini, «Los Cinco Deltas», Sérgio e sua Orquestra, e conjuntos académicos da Tuna Orfeão e Orquestra de Tangos. Gostámos da maneira como funcionou o serviço de «bars».

Parabéns à Comissão do Baile.

GARRAIADA

A Primavera volta a presentear-nos com um belo dia de sol. Grande animação. Os comboios da manhã já levavam capas e batinas, ainda ensonados, pelas poucas horas de repouso, pois há pouco havia terminado o grandioso Baile das Faculdades. Quem quis ver um espectáculo grandioso veio à hora da partida dos especiais até à Estação Nova ou à Velha. No meio daquele movimento sobressaiu a animação dos moços e moças de capa e batina com os seus formais para ir fazer a visita anual à vizinha Figueira da Foz, a Praia da Claridade.

Destá vez houve menos borlas e maior falta de carruagens, pois os especiais iam superlotados. A C. P. mais uma vez nos presentou com os seus descontos nulos nos comboios especiais e com um cerco das estações Nova e Velha da Guarda Republicana montada, para lembrar os esquecidos, que teriam de comprar bilhetes.

Chegada triunfal à Figueira. Animação, movimento, para o qual contribuíram carroças que fizeram o transporte até ao Coliseu.

O Coliseu antes de se iniciar a famosa corrida, já estava superlotado.

Deu-se início à «Grandiosa Fiesta Taurina». Fizeram-se as apresentações:

Dois «Carvalheiros» — Manuel

«Paris quen ego dabos», «Três canções minhotas», (Mar alto, Al! Fresca Ramalheira); «Senhor da Serra», «Viva a Pândegas», «A moda do chapéu ao alto», e finalmente «Swing low sweet Chariot» espiritual negro do nível a que nos habituou o Coral.

Todos estes números a assistência aplaudiu demoradamente, pedindo até a repetição de alguns.

Seguiu-se na ordem de entrada o Orfeão Académico de Coimbra, senhor de tantos pergaminhos, conduzido pelo maestro Raposo Marques.

Ao «Coro de Introdução do Ernani» (Verdi) seguindo-se «O vosso galo, comadres», «Serenatas», de Schubert, «Sonhando» e por último o «Coro dos Peregrinos», de Wagner.

Depois do intervalo seguiu-se a já ansiada parte de variedades, entregue à Tuna Académica.

Nesta última parte podia qual-quer um sentir a síntese do espírito coimbrão, espírito, irreverência, arte, qualidades que nos são próprias e que com orgulho, inscrevemos em nossos pergaminhos.

As piadas e a boa música, deram as mãos para deliciar a assistência, que, no fim escutou recolhida e quase com devoção mais uma «Serenata de Coimbra».

Era já madrugada alta quando as ruas começaram a conduzir a casa os que satisfeitos deixaram de mais uma noite de alegria e a sala do Teatro Avenida, depois arte dos estudantes de Coimbra.

TARDE DE ARTE

Integrada nas festas da Queima das Fitas da Universidade de Coimbra realizou-se no passado dia 14, no Teatro Avenida a tradicional Tarde de Arte.

Como de costume nas festas desta natureza o recinto do Teatro Avenida encheu-se completamente com um público alegre e buliçoso atraído pelo magnífico programa.

O espectáculo compôs-se de três partes. Na primeira foi apresentada uma farsa de títeres pelo «Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra» (T.E.U.C.), sendo a peça da autoria do grande poeta andaluz Federico Garcia Lorca, e tendo por título «El Re-

Sabrino Duarte e Lolita Muñoz. Dois «Empadas» — Jorge Mafej (El Kon-fuzão) e Manuel Dias Gaspar (El Ka-ga-Lu-Fu). Dois «B-Andarilhos» — Apolinário Cunegundes (El Sôfia Mor-den) e Ranimito Calisto (El Cocó).

Grupo «Cons-Phorcados» — António Castiço, Delgado Martins, Manuel Seabra, Hermes Castanhas, António Brinca, Benjamin Brinca, Abel Baptista, António Carvalho, Joaquim Abrantes, Manuel Teles.

Dois «Camt-Nuss», Grácio Ribeiro (Kirk Pulgas) e Ezaminondas Rudofredo (Marlon Duro).

Grupo de «Anima-Dores» — (O quinteto era de cordas).

1) António Almeida (Tonk Curto).

2) Carlos Joaquim (Eddie Concertina).

3) Fernando Galvão (Frank Sineta).

4) Luís Luciano (Daniel Pudim).

5) Machado Faria (Pedro Amendoim).

Ainda o grupo tauromáquico dos Charros Alentejanos.

Nos touros para cavaleiro há que salientar o trabalho de Manuel Sabrino Duarte que mostrou possuir grande classe na arte tauromáquica a cavalo.

No grupo de forcados houve elementos que se salientaram pela sua bravura.

Parabéns aos «Anima-Dores» que souberam alegrar o espectáculo com os números académicos «Quo Vadis», «Mi Casita di Papel», «Drama no Areal e Guincho em lá menores».

Tivemos pena de não ver Lolita Muñoz actuar, pois segundo considerações feitas pela Comissão ela não quis lidar o boi que lhe saiu, dizendo não ser aquele que ela havia escolhido. Mostrou-nos,

do-nos a Primavera apresentando com uma tarde de sol.

O ambiente agradável, fresco, agradou a todos os que gostosamente ajudaram com a sua presença a Comissão de Beneficência.

Parabéns à Comissão que soube resolver finalmente o problema do tablado de dança, construindo uma pista grande.

Os lucros reverteram a favor do Asilo da Infância Desvalida.

CORTEJO DA QUEIMA DAS FITAS

Apesar do dia 17 ter amanhecido com cara de poucos amigos, pois apresentava grandes perspectivas de chuva, não esfriou os ânimos da população estudantil de Coimbra que logo de manhã começou a dar mostras da sua ruidosa maneira de festejar o dia máximo das Festas da Queima das Fitas.

Por volta do meio-dia já se notava a enorme afluência de autocarros e automóveis vindos de todo o País, despejando nesta cidade grande quantidade de Japão, sempre curioso, para assistir ao maior dia dos universitários de Coimbra.

As quinze horas e trinta minutos, a Baixa já era um imenso formigueiro humano, onde só à custa de grandes esforços se conseguia romper.

No Largo da Universidade, como já é tradicional todos os anos, a barafunda era incrível, pois aí se fazia a concentração de todos os carros alegóricos.

Entretanto num estrado erguido em frente à Faculdade de Medicina, os novos fitados entregavam-se à solene e ao mesmo tempo alegre operação da Queima do Grelo, no célebre «penico», autêntica relíquia universitária. Perto das 17 horas os carros encaminharam-se para as ruas da Baixa, no meio da típica desorganização e algazarra, provocada pelas manifestações dos estudan-

tes, o tradicional distintivo da Faculdade e transportando parte dos novos fitados que se entregavam a exuberantes manifestações de alegria distribuindo garrafas de espumantes e as já conhecidas «plaquettes». Seguiu-se o carro de Ciências ostentando o dístico «Por Ares Nunca Dantes Navegados», levando como principal motivo a figura do Infante de Sagres tripulando um foguetão, o «Infantik», comandado à distância por um «robot». O segundo carro de Ciências, alusivo à Engenharia de Máquinas, com o dístico «Projectos, Contas e Contos».

Como sempre entre os carros seguiam grupos de quintanistas e caloiros com os seus adesivos bem em evidência na testa.

«Sonhar é fácil» era o título de um novo carro de Direito, seguindo-se outro de Medicina cujo motivo principal eram duas enormes mãos entrelaçadas em prece, tendo como legenda «Curar por vezes, Aliviar Sempre».

O carro seguinte era referente à arquitectura moderna, pertencente à Faculdade de Ciências seguindo-se novamente, como sempre entre os dois carros, caloiros e quintanistas vestidos das maneiras mais bizarras possíveis.

Entre eles evidenciava-se uma réplica exacta de D. Quixote montado no seu Rocinante, com o seu inseparável escudero Sancho Pança. Surgia um novo carro de Ciências Matemáticas, este com o título «Voando no Espaço», em que se salientava um estudante prescrutando o espaço desconhecido.

Começavam a surgir os discursos empolgantes e as declarações feitas às raparigas presentes no trajecto do cortejo, pelos estudantes já um pouco eufóricos.

O novo carro de Direito, ostentava a estátua cega da justiça cortando uma porca, intitulando-se «Por um Mundo Melhor».

Entretanto outro carro desfilava, novamente de Direito, com a

EM COIMBRA

no entanto a sua arte de montar, o que agradou à assistência.

Para finalizar, a Comissão da Garraçada ofereceu um touro para os toureiros de negro, que logo à saída do curro pôs todos brancos, devido à sua compulência. Começou a sessão «traumática». Felizmente não houve desastres de maior nos capas e batinas.

Assim terminou mais uma garraçada, o número indispensável na Queima das Fitas de Coimbra.

Será conveniente que a Comissão da Garraçada organize melhor o serviço dos especiais com a C. P. evitando darem-se cenas inconvenientes, pois muitos estudantes foram obrigados a ficar na Figueira até às nove da noite, quando tencionavam vir no comboio especial das 19 e 51 que não existiu.

Esperamos que não volte a acontecer. Parabéns à Comissão da Garraçada pela maneira como tudo correu dentro da melhor ordem.

VERBENA

Segunda-feira, 16 — Venda das pastas.

Os quintanistas acompanhados das mocitas do Asilo da Infância Desvalida percorriam a Baixa para vender as pastinhas nas quais figuravam versos dos melhores poetas portugueses e entre eles do poeta coimbrão Miguel Torga.

À tarde, a Comissão de Beneficência organizou um baile na Alameda de S. Jerónimo no Jardim Botânico em que colaboraram as orquestras ligéiras académicas da Tuna e Orfeão «Los Cinco Deltas» e «Sérgio e sua Orquestra».

Esteve bastante concorrida, ten-

tes, estrear de morteiros e do desrolhar das garrafas de espumante.

No início da concentração caiu sobre os carros uma violenta chuva que se bem que tivesse destruído parte das suas ornamentações, não esfriou nem deteve a onda de esfuziante alegria que se dirigia para as ruas da Baixa.

Como de costume abria o cortejo uma numerosa representação de quintanistas e caloiros. O primeiro carro pertencia à típica «República do Pra-Kys-Tão».

Após novo desfile de caloiros e quintanistas de cartola alta com as cores das suas faculdades, vinha o primeiro carro de Medicina: «Os Tempos Passam... A Medicina Permanece», exibindo ao

sujestiva legenda «Vejo Tudo Torto».

«Nova Humanidade», o título do novo carro de Medicina, tendo como figura principal um enorme coração.

O cortejo ia em meio e nas ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz o espectáculo atingia a força máxima. De muitas janelas eram lançados papelinhos coloridos sobre os carros de estudantes em festa. Aparecia o primeiro carro de Farmácia ostentando edifícios de linhas modernas, com o título de «Faculdade do Futuro», um justo pedido para a reinstalação da Faculdade de Farmácia.

Era agora a vez de um vistoso

(Continua na pág. 11)



Aqui se mostra a brilhante actuação dos «Anima-Dores»

A ACTIVIDADE DA AIESEC EM PORTUGAL E NO CAMPO INTERNACIONAL

A interessante e profícua actividade desenvolvida pelo «Comité» Português da AIESEC (Associação Internacional dos Estudantes de Ciências Económicas e Comerciais) levou-nos a pensar numa entrevista que desse aos leitores uma visão, ainda que sucinta, do que em Portugal e no estrangeiro se tem feito no campo de intercâmbio de estudantes de economia, finanças e comércio.

Quisemos por isso ouvir o dr. José de Andrade Soares, que preside ao «Comité» Português da AIESEC e tem sido no nosso país um dos seus grandes impulsionadores. Motivos de ordem profissional não lhe possibilitam dedicar-nos alguns minutos para uma conversa. Procurámos então o terceiro-tenente de Finanças e vice-presidente do «Comité» Português ANTONIO PORTUGAL COLLAÇO, que amavelmente se prontificou para a entrevista.

Perante uma brochura, editada pelo «comité» e que nos foi oferecida, pudemos constatar o desenvolvimento da AIESEC, através do capítulo consagrado à história do organismo. Verificámos assim que a Associação Internacional dos Estudantes de Ciências Económicas e Comerciais, foi fundada em Estocolmo, em Março de 1949, sendo países fundadores a Bélgica, a Dinamarca, a Finlândia, a França, a Holanda, a Noruega e a Suécia. Depois a Associação cresceu e hoje já comporta vinte e quatro países, representando um número muito maior de Escolas Superiores de Economia e Finanças, de Administração de Empresas e de Alto Comércio.

Igualmente pudemos verificar na excelente brochura como a ideia e a concretização da Associação têm tido o apoio de altas personalidades da vida pública. Citaremos apenas três exemplos. «A AIESEC oferece aos futuros economistas, uma valiosa oportunidade de adicionar uma experiência prática nos seus estudos académicos... A obra da AIESEC merece a nossa atenção e pleno apoio» (dr. Ludwig Erhard, ministro da Economia de Alemanha Federal). «Os objectivos da AIESEC são dos mais louváveis e dignos de atenção» (Carlos Mantero, presidente da Câmara de Comércio Internacional). «A acção da AIESEC, pondo os jovens em ligação com as realidades económicas mundiais, merece assim o aplauso dos professores e dos homens de Governo» (prof. Leite Pinto, ministro português da Educação Nacional).

Principiámos a conversa com o vice-presidente do «Comité» Português inquirindo os objectivos fundamentais da Associação Internacional dos Estudantes de Ciências Económicas e Comerciais.

Depois de caracterizar o organismo pela leitura do artigo primeiro dos estatutos («A AIESEC é uma organização internacional de estudantes independentes e a política, que se propõe estabelecer é fortalecer relações de amizade entre os seus membros, sem quaisquer restrições de religião ou de raça») esclareceu o entrevistado que o principal objectivo da Associação é a troca de estágios remunerados entre os membros, nomeadamente a realização de seminários e visitas de estudo.

— Pretende-se assim, disse-nos, não só facultar o intercâmbio cultural, mas sobretudo os conhecimentos económicos

Concretizando melhor, António Portugal Collaço informou-nos:

— Este ano haverá um Seminário de Economia, na Dinamarca, de 21 a 28 de Agosto, cujo tema é: «O Comércio Internacional e as Integrações Económicas Europeias». Orientarão o seminário, entre outros, os profs. Paul Vindina e Jorgen Gelting. Em seguida efectuar-se-á uma visita de estudo à Escandinávia. Por outro lado, está assente uma visita de estudo à Grécia, com excursões a Delfos, Corinto, etc., e debate sobre «A Economia Grega e o Plano dos Cinco Anos». Esta visita decorrerá entre 17 e 24 de Agosto. Por último está em preparação, embora se mantenha duvidoso, um outro seminário na Turquia.

Quisemos saber como se deu a entrada do nosso país para a AIESEC. Portugal Collaço respondeu-nos:

— No congresso anual de Milão de 1957, ficou a Espanha de entrar em contacto connosco, interessando-nos pela Associação e dando-nos a conhecer os seus fins. Em Fevereiro de 1959 obtivemos do sr. ministro da Educação Nacional autorização para aderir e logo em seguida, no Congresso de Colónia, fomos aprovados como membro probatório, categoria que é preciso manter um ano pelo menos antes da aprovação para membro efectivo. Foi isto que alcançámos no recente congresso de Barcelona.

— Já agora pode falar-nos sobre esse congresso?

— Com certeza. Realizou-se entre 29 de Fevereiro e 10 de Março, com várias sessões gerais e parciais, em que se debateram problemas sobre a organização e a estrutura da AIESEC, a criação de um secretário permanente e a escolha de um secretário-geral. Além disso analisou-se a extensão a novos países. Portugal ficou oficialmente encarregado de entrar em contacto com o Brasil e, se possível, angariar estágios no ultramar.

— A nossa delegação levou a efeito uma festa portuguesa, com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação, do SNI, de vários organismos oficiais e empresas particulares a quem estamos muito gratos. A festa realizou-se na noite de 1 de Março e o cônsul de Portugal, que foi convidado de honra juntamente com o vice-cônsul e leitor de Português da Faculdade de Letras de Barcelona, afirmou ter sido uma das melhores festas portuguesas realizadas na capital catalã nos últimos anos. Aliás, os próprios congressistas unânimeamente declararam ter sido a melhor festa de quantas já se efectuaram nos dez anos da Associação. Já calcula por isso a grande aceitação da festa, no decorrer da qual tivemos ocasião de distribuir pequenas lembranças com o fim de dar a todos uma ideia dos produtos comerciais portugueses, das nossas revistas de carácter económico, das belezas turísticas, etc...

— Já agora gostaria de acrescentar que o próximo congresso será em Marselha, precedido em Novembro deste ano por uma reunião de presidentes dos «comités» nacionais, em Exand.

Um ponto que desejávamos ver focado era o da actividade da AIESEC em Portugal. António Collaço elucidou-nos:

— Os nossos objectivos para este ano são principalmente

(CONTINUA NA 11.ª PÁG.)

BENTES FOI HOMENAGEADO

António Bentes, o «internacional» da Associação Académica de Coimbra, teve no passado dia 22, no Estádio Municipal de Coimbra, a festa de homenagem, que um desportista da sua estirpe, merecia.

Com a valiosa presença de uma equipa do Sport Lisboa



e Benfica, que no jogo principal empatou a duas bolas com a «Briosa», o festival de homenagem decorreu com bastante brilho, aliás aquele brilho que Bentes merecia.

Falou em primeiro lugar, e em nome da comissão promotora da festa, o dr. Augusto da Cunha Martins. Seguiu-se o jornalista Adriano Peixoto, que fez o elogio do jogador, afirmando que todos estavam muito gratos a Bentes, pelo seu passado de desportista, pelo exemplo da sua dedicação à Associação Académica de Coimbra, e pelo seu extraordinário valor de futebolista. O sr. António Ferreira, em nome da Associação de Futebol de Coimbra, saudou o homenageado, e o estudante Augusto Costa, em nome da direcção da A. A. C., tra-

çou também um caloroso elogio, manifestando o vivo reconhecimento do clube, pelos valiosos serviços prestados.

Por fim, Bentes agradeceu, dizendo: «Esta festa, com que me honrais, que só é possível devido à vossa gentileza, e à vossa muita amizade, comoveu-me extraordinariamente. Faltam-me as expressões que me permitam mostrar-vos a minha profunda gratidão, e o meu sincero reconhecimento. Parto levando saudades; saudades infundas desta camisola negra que enverguei durante mais de 15 anos; saudades de vós, companheiros de luta, e de vós, amigos meus, que sempre me acompanhastes e me encorajastes. Mas se o corpo vai, a alma e o coração ficam para sofrer os vossos anseios, comungar nas vossas aspirações, compartilhar das vossas alegrias e tristezas». Bentes terminou, por agradecer, impossibilitado de abraçar todos os presentes como compensação — fraca compensação, afirmou — da dívida de gratidão que há longos anos contraiu.

Calorosa e prolongada ovação coroou as últimas palavras de Bentes.

Seguiu-se a habitual cerimónia da entrega das prendas, entre as quais se destaca, pelo que em si representa, a medalha de ouro de mérito desportivo da Associação de Futebol de Coimbra.

A noite, num restaurante da cidade, teve lugar um banquete, com novos discursos todos de agradecimento a António Bentes.

DESSPORTOS

PORTUGAL

CAMPEÃO DO MUNDO DE HÓQUEI EM PATINS

● O universitário Vaz Guedes é o capitão da equipa

É difícil para nós, portugueses, esquecermos nestes tempos mais próximos, a jornada maravilhosa dos hoquistas que, em terras de Espanha, revalidaram o título mundial da modalidade, reconquistado em 1958, no Porto, aos espanhóis.

Dir-se-ia tratar-se de mais um êxito, a juntar a tantos outros, que outras equipas igualmente conseguiram. Mas não! Este tem algo de extraordinário. Há nesta vitória, um sabor muito especial, que torna o êxito ainda maior: o de o termos conseguido no ambiente do adversário mais cotado, exactamente aquele que, como nós, lutava para o primeiro posto. Vencemos a Espanha, em Madrid. Revalidámos o título de Campeões do Mundo. Fomos a primeira equipa que até hoje, conseguiu derrotar a Espanha, no seu próprio país!

★

Era uma vez um rapazinho que gostava muito de ver jogar o hóquei em patins. Ti-

nda uma tão grande paixão por este desporto, que no dia em que lhe deram um par de patins, ele confessou ser o mais feliz da sua vida. Aprendeu a patinar, e, depois, timi-

quei, e porque cedo quer começar a viver as alegrias dos grandes campeões.

Os anos passam, céleres.

O rapazinho que gostava de ver jogar o hóquei em patins, alinha agora numa equipa, e desempenha nela um papel de relevo. Começam-



Vaz Guedes, actuando contra a França

damente, deu os primeiros passos no hóquei sobre rodas. O desporto que tanto o fascinava, era a glória de Portugal no campo desportivo.

E a tal ponto era considerado e admirado no nosso país, que um Pavilhão dos Desportos de Lisboa, já não chegava para a realização de mais um Campeonato do Mundo. Se quiséssemos que ele fosse disputado neste recanto da península, era necessário construir outro recinto, muito maior, suficientemente grande para satisfazer as exigências de um grande número de adeptos da modalidade. E a cidade do Porto foi a escolhida.

1950. O nosso rapazinho conta agora 11 anos de idade. Pequeno no tamanho mas grande na personalidade que havia de o notabilizar. O Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins é nesse ano disputado no Pavilhão dos Desportos do Porto, e o nosso pequeno herói, malgrado a sua pouca idade, resolve meter-se a caminho da invicta cidade, porque é grande o seu entusiasmo pelo hó-

quei a ser notados alguns predicados. E quando se pensa na reforma da equipa principal de Portugal, o seu nome aparece como candidato à camisola das quinas. 1958, é o ano da consagração: aos 19 anos, é, pela primeira vez, campeão do mundo!

Já antes, havia sido internacional «junior».

1960. Outro Campeonato do Mundo. Novamente o rapazinho (agora com 21 anos de idade), é chamado a representar o nosso país. E o resultado, todos o conhecem. Aconteceu há duas ou três semanas. Difícilmente se apagará da memória de todos os portugueses.

NOTA: — O nome do rapazinho que gostava de ver jogar o hóquei em patins, é o seguinte: José Queirós Vaz Guedes, é nosso colega do I. N. E. F., onde frequenta o segundo ano, e é também o capitão da equipa portuguesa de hóquei em patins, bicampeão do Mundo.

★

Era nossa intenção, conversarmos um pouco com Vaz (Continua na pág. seguinte)

O 49.º CONCURSO HÍPICO INTERNACIONAL OFICIAL DE LISBOA

Ainda que prejudicados, em relação aos últimos anos, pela presença de uma única equipa estrangeira, decorreu com bastante interesse o 49.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa. A única equipa estrangeira concorrente era espanhola, o que veio emprestar ao concurso um interesse muito especial.

A grande figura lusitana do concurso, foi, como facilmente se adivinha, o major Henrique Calado, que ora montando o «Martingil», ora o «Caramulo», soube corresponder ao que dele se esperava. Cite-se, por exemplo, que na prova de encerramento, denominada «Taça Almirante Américo Tomás» — prova de «Potência», a classificação deu os dois primeiros lugares, precisamente ao major Henrique Calado, montando respectivamente o «Martingil» e o «Caramulo».



O major Henrique Calado, em plena prova

PEQUENO JORNAL

TERMINOU O «NACIONAL»

• O QUE FEZ (E O QUE NÃO FEZ), A TURMA DE COIMBRA • O BENFICA É CAMPEÃO

Por despacho do sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional foram esclarecidas as normas concernentes às relações entre as Federações Desportivas e os Centros Desportivos Universitários e Associações Académicas nesses fillados, aliás dentro dos princípios de uma orientação geral já preconizada pela Inspeção Superior do Desporto Universitário, no que diz respeito ao hóquei em patins.

Assim:

1 — As Associações de Universitários podem realizar encontros com equipas universitárias nacionais ou estrangeiras sem qualquer dependência das Federações Desportivas em que estão enquadradas.

2 — Deverão essas Associações, no entanto, depois de devidamente autorizadas pela Inspeção Nacional do Desporto Universitário, comunicar obrigatoriamente a realização dos encontros à respectiva Federação.

3 — A realização desses jogos não deverá perturbar a regularidade dos campeonatos organizados pelas Federações ou Associações Desportivas, sujeitando-se os agrupamentos universitários, que faltem a encontros oficiais, às sanções que os regulamentos federativos comportem a tal respeito.

O C. D. U. L., já organizou este ano, um curso de iniciação atlética, tendo sido ministrados ensinamentos sobre o handebol de sete.

Prevêem-se outros cursos sobre outras modalidades, os quais só devem no entanto entrar no campo das realidades, no próximo ano lectivo.

O Campeonato de Futebol de Salão (regional) está a ser disputado com bastante interesse tanto por parte dos seus intervenientes, como também dos colegas que se têm deslocado periodicamente ao Pavilhão dos Desportos.

Disputam o campeonato 14 equipas.

O C. D. U. L., vai organizar um torneio juvenil de handebol de sete, com o fim de despertar o interesse do estudante liceal (10 aos 14 anos), pela modalidade.

A aprendizagem e os treinos de natação do C. D. U. L. começaram já, na piscina do Instituto Superior Técnico, e continuam todas as segundas, quartas e sextas-feiras, das 18 às 20 horas.

Por ocasião das festas de aniversário da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz, deslocaram-se a esta cidade e a pedido daquela associação no passado dia 8, duas equipas femininas de basquetebol da Associação Académica de Coimbra, a fim de fazerem um jogo de demonstração para a divulgação desta modalidade desportiva. As campeãs nacionais exibiram-se excelentemente, desenhando jogadas de bom recorte técnico e evidenciando uma boa preparação táctica.

Sob a orientação do dr. Mega, as equipas alinharam e marcaram:

ACADEMICA-A — Isabel Cabral (13), Luísa Novais (10), Rosa Maria (6), Adelaide Rebelo (2), Luísa Carvalho e Fátima Soares.

ACADEMICA-B — Antonina Maria (2), Maria da Conceição (2), Adelaide Novais, Maria José, Lourdes Matos e Guiomar Maria.

Ao intervalo a Académica-A ganhava por 13-0.

Terminou o Campeonato Feminino de Basquetebol, com a vitória do I. N. E. F. com 12 pontos. Para o segundo lugar, estão empatadas com 8 as representações de Ciências, Letras e Medicina, estando a efectuar-se uma «poule» final de desempate. Farmácia ficou em último lugar com 4 pontos.

NOVOS CORPOS GERENTES DO C. D. U. L.

No passado dia 14, efectuou-se na sede do C. D. U. L., a eleição dos novos corpos gerentes, para o exercício no ano lectivo de 1960/61. O resultado dessa eleição, foi o seguinte:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, dr. Cruz Barreto; vice-presidente, eng.º João Cravinho; 1.º secretário, Luís O. Rodrigues; 2.º secretário, Ermegildo Ribeiro.

DIRECÇÃO — Presidente, dr. Sérgio José Ferreira Ribeiro; vice-presidente para o Desp. Univ., dr. Júlio Lopes Marques Pequito; vice-presidente para o Desp. Fed., dr. Manuel Bento Baptista; tesoureiro, dr. José de Matos Torres; tesoureiro adj., Alexandre Vaz Pinto; 1.º secretário, Jorge Cordeiro; 2.º secretário, Alberto Trovão do Rosário. Suplentes: Quirino Mealha, Polido Pereira e Ramiro Nunes.

CONSELHO FISCAL E DISCIPLINAR — Presidente, dr. João Albuquerque; secretário, Aurélio de Sousa; relator, Júlio Baptista Coelho. Suplentes: João Ayalla Bobo e dr. Francisco Calheiros.

CONSELHO TÉCNICO — Eng.º Pinto de Magalhães, ten. Hugo dos Santos, ten. Rudolfo Begonha, Jorge Martins, Valdemar Lucas Caetano, prof. José Brum e eng.º Armando Abreu Rocha.



A simpática equipa de basquetebol da A. A. C. campeã nacional da época de 1959/60

Terminou mais um Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão.

Durante vinte e seis domingos, os campos de futebol, espalhados pelas 8 localidades representadas na competição máxima do desporto-rei, animaram-se de um público sempre ávido de futebol; um público que sabe acompanhar as suas equipas nas horas boas, mas que, muitas vezes, nas horas difíceis, as abandona. Terminou mais um «nacional». Foi seu vencedor desta vez, a turma do Sport Lisboa e Benfica, que substituiu assim, no posto glorioso de campeão nacional, outra grande equipa: a do Futebol Clube do Porto. O Benfica venceu, e estamos certos de que convenceu. Aliás, a sua carreira ao longo do «nacional», deixa bem antever esta opinião. Parabéns ao novo campeão!

Terminou mais um Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão — dissemos em cima. Terminou portanto mais uma época para a Associação Académica de Coimbra, uma vez que já está eliminada da «Taça de Portugal».

Analisemos agora, e rapidamente, o que fez (e o que não fez), a turma de Coimbra.

Num campeonato tão duro a Académica (turma nitidamente de 2.º plano, muitas vezes, porém, equivalente a uma de 1.º), conseguiu um posto acima do 7.º lugar, levando-nos a afirmar

que ao longo dessas vinte e seis jornadas, se soube comportar à altura dos seus pergaminhos, e que portanto merece nota satisfatória. E temos de lhe dar, na realidade, uma nota muito satisfatória, se atendermos ao facto, de as outras equipas (à excepção de uma ou duas), se terem vindo a empenhar para conseguir reforços de jogadores estrangeiros, alimentando talvez a esperança de um «milagre» que raras vezes se opera.

Com a Académica, isso não se deu. Fazendo alinhar sempre jogadores portugueses, ela con-



Quando da visita da A. A. aos Açores, apareceu no rectângulo, esta turma de infantiss, que despertou muita curiosidade

seguiu levar de vencida muitos obstáculos, conseguiu bater o «pé» a dois dos chamados «grandes» (ao Porto, 1-0 em

Coimbra, e ao Belenenses 2-1 no Restelo), alcançando assim um lugar a todos os títulos honroso na «tabela da verdade».

A Associação Académica de Coimbra fez uma época boa, muito embora tivesse podido conseguir muito mais, pois que por diversas vezes se viu batida no seu estádio, frente a equipas que lhe eram nitidamente inferiores. Mas o campeonato é de futebol... e o futebol tem destas coisas!!!

Disseram que este «nacional» foi disputado às prestações. Concordamos! Sucessivas interrupções, quer para a disputa de eliminatórias da «Taça de Portugal», quer para a realização de jogos internacionais, a verdade é que não raras vezes o campeonato foi interrompido, vindo a quebrar o natural en-

tusiasmo do público, pelo seu desfecho.

Uma dessas interrupções durou aproximadamente um mês. Que fizeram as equipas de segundo plano, nesse período de tempo? Cada uma fez o que entendeu. Ou treinaram, ou defrontaram-se em jogos particulares.

A Associação Académica, escolheu o melhor caminho: por duas vezes esteve presente na Guiné, Cabo Verde e Açores. Foi uma bela manifestação de desportivismo, levar a todos os portugueses daquelas paragens, um pouco do Portugal do continente.

Foi fazer propaganda do que é «bom futebol», e conseguiu-o.

As jornadas que ela viveu, quer nos Açores, quer na Guiné ou em Cabo Verde, foram belas jornadas de Desporto, com D grande.

Acolhida como as grandes equipas o são, a Académica soube corresponder — futebolisticamente — da mesma maneira. As suas actuações resultaram em autênticos espectáculos de beleza. A crítica loaci o afirmou.

Foi assim, que a Académica aproveitou o maior interregno do «nacional».

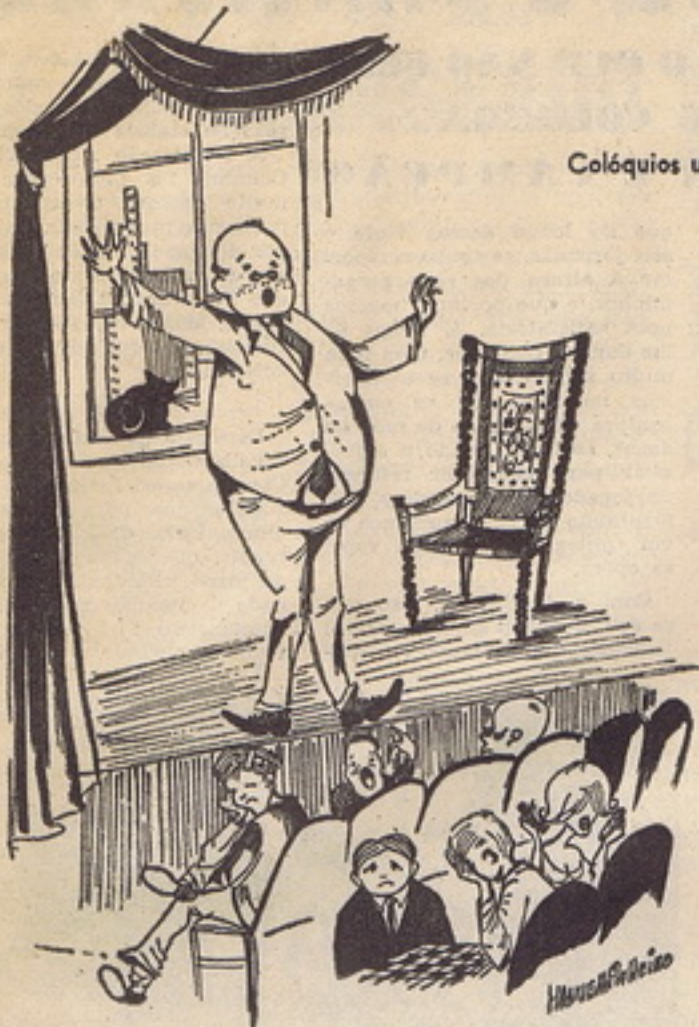
RESCALDO DE MADRID

(Continuação da pag. anterior)

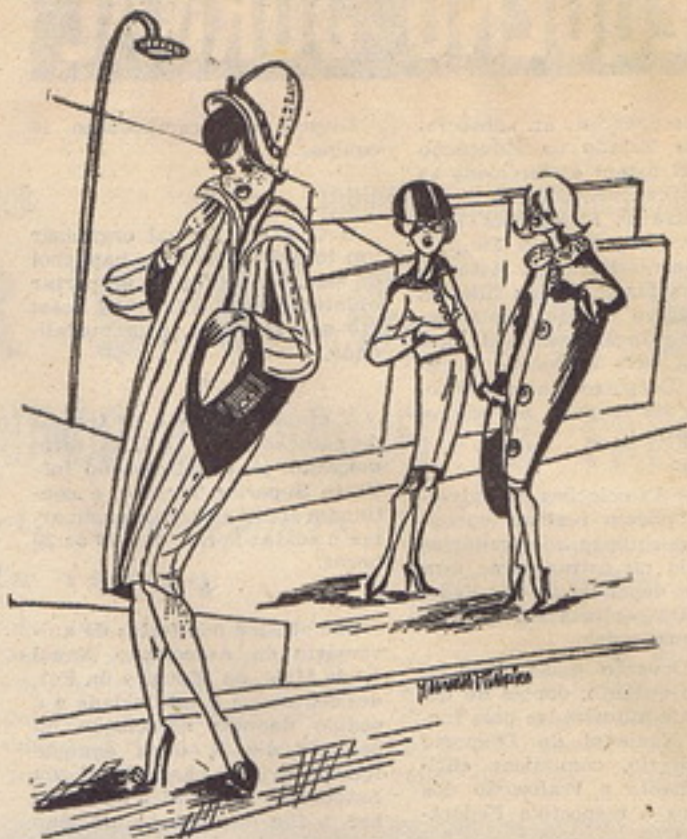
Guedes, sobre vários aspectos relacionados com o último Campeonato do Mundo, e que os jornais da especialidade ainda não focaram.

Todavia, arrancar uns minutos que fossem a um campeão do mundo, para mais em vésperas de exames, era tarefa que nenhum jornalista profissional conseguiria levar a bom termo.

Quanto mais a um que o é nas horas vagas...



Colóquios universitários...!



Não pode ser a pele durr animal, porque não há coelhos tão grandes.

PENTEADOS MODERNOS

Deixem passar a cèguinha!

HUMOR NA



FACULDADE



Desporto universitário...!

Depois das existencialistas, as flausinas!



QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA

(Continuação da pág. 17)

carro de Ciências Biológicas, apresentando um enorme mocho de Borla e Capelo, olhando severamente para uma pequena coruja e um coelho ostentando o nome sugestivo de «Ciência e Natureza».

O carro seguinte de Medicina ostentando um foguetão com o título de «Médicos na Lua», mas tendo sido danificado pela chuva apuseram-lhe um novo letreiro «Fomos atacados por um disco voador».

Desfilava mais um carro de Ciências, com a legenda «Hoje Como Na Pré-História... A Caminho da Glória», levando como ornamento principal um carro de triunfo puxado por um dinosauro e tripulado por um caloiro em fato de banho que apresentava ao público um físico menos adequado para o desempenho da tarefa.

Pouco faltava para o final do cortejo, e o entusiasmo não abrandava, pelo contrário, aumentava em assombrosas manifestações de alegria, traduzida da forma mais barulhenta possível.

Era agora a vez do último carro de Ciências, «Da Alquimia há Radioquímica», vindo-se entre gigantescas retortas um velho alquimista que tirava um curioso efeito das reacções entre ácido, indicador e base.

Finalmente, o último carro do cortejo, de Letras, que se intitulava «Em Busca de Novos Mundos», no qual se destacava uma encarnação viva do Infante D. Henrique, dentro de uma cavaleira com a Cruz de Cristo, destacando-se nas velas brancas.

Seguia o último carro uma multidão de centenas, senão de milhares de pessoas, fechando com ruidosa e alegre participação, este cortejo único no género e sem precedentes em qualquer festa académica da Europa.

Como é habitual, no cortejo da Queima das Fitas, faz-se um concurso, com o fim de elevar o nível artístico dos carros. Assim na Praça da República foi instalada a tribuna do júri, frente à Rua Alexandre Herculano, de onde provinham os carros.

O júri era formado pelo vice-reitor Prof. Dr. Carlos Moreira, acompanhado pelos directores das Faculdades.

A classificação foi a seguinte: 1.º — «Futura Faculdade» (Farmácia) e «Ciência e Natureza» (Ciências);

2.º — «Da Alquimia à Radioquímica» (Ciências), «Nova Humanidade» (Medicina) e «Hoje como na Pré-História» (Ciências);

3.º — «Adorável Mundo Novo» (Ciências), «Por um Mundo Me-

lho» (Direito) e «Em busca de Novos Mundos» (Letras).

CHÁ DANÇANTE

Para finalizar os festejos académicos da Queima das Fitas de 1960 realizou-se no dia 18, o chá dançante no Ginásio do Liceu D. João III, tendo-se iniciado às 17 horas e prolongando-se na maior animação até de madrugada. Mais uma vez, tivemos o prazer de ouvir o quarteto italiano de Marino Marini, que nos deliciou com umas horas de boa música assim como o quinteto espanhol «Los Cinco Deltas», «Sérgio e sua Orquestra», e ainda os conjuntos ligeiros académicos da Tuna, Orfeão e Orquestra de Tangos. O serviço de bar esteve a cargo da Pastelaria Império que primou pela boa apresentação e óptimo serviço. As nossas felicitações para a Comissão do Baile, pela ordem com que tudo se realizou, sabendo assim honrar as tradições das festas académicas.

«O HOMEM E O ESPAÇO»

(Continuação da pág. 5)

experiências de recuperação; um satélite «Vanguard», absolutamente igual ao que foi lançado em Março de 1958 e se encontra em órbita; um modelo exacto do célebre satélite «Explorador VI», ou «Roda de Pás», outro do planotéide «Pioneiro V», agora a caminho da órbita de Vénus.

Outro grande motivo de interesse é o motor do avião-foguete «X-15». Ainda neste caso não se trata de um modelo nem tão-pouco de um dos motores inicialmente adaptados ao aparelho, mas sim do moderníssimo «XLR-99», que se caracteriza pela possibilidade de parar e de arrancar e ainda de variar a força propulsora, segundo a vontade do piloto. O «XLR-99» tem uma força de cerca de 25 toneladas e pode imprimir ao «X-15» uma velocidade de mais de 15.400 quilómetros por hora; a potência corre, pondente é de meio milhão de cavalos-vapor.

Também presente um modelo de foguetão «Thor Able», outro do «Thor Agena» e uma colecção de fotografias, entre as quais estarão incluídas as que foram recentemente tiradas através das câmaras de televisão do satélite meteorológico «Tiros».

FESTIVAIS NO PARQUE

— Para complemento das realizações festivas desta Queima de 1960, e seguindo a tradição, todas as noites se realizaram festivais artísticos no parque «Dr. Manuel Braga».

— Estes festivais ficaram assim distribuídos:

Dia 13 — Noite de Coimbra; Dia 14 — Noite de Letras; Dia 15 — Noite de Direito; Dia 16 — Noite de Ciências; Dia 17 — Noite de Medicina e dia 18 Noite de Farmácia.

— Em todas estas noites se notou grande afluência de público que não quis perder estas oportunidades para ver e ouvir os maiores nomes da Rádio e Televisão.

Além deste público, os estudantes com as suas capas e batinas e as fitas esvoaçando levadas pela brisa que corria do Mondego, encheram o parque da cidade. O êxito destes festivais deve-se em parte à esta massa estudantil, que mesmo quando o tempo não era amigo, chegando mesmo a chover, nunca deixou de aplaudir, rir e gritar, e meter conversa com o Artur Agostinho, o grande apresentador e animador destas noites. O elenco artístico foi variado. Além de artistas profissionais, também actuaram estudantes como: Carlos Manuel, um «juvem» «rock and roller» as danças regionais da A. A. e «Trio Guimarães». Entre os artistas há a salientar os nomes de Madalena Iglésias, Elsa Vilar, Alice Amaro, Paulo Alexandre, Simone de Oliveira, Graça Maria, Neca Rafael.

Além destes artistas há a apontar a colaboração dos ranchos de Ponte da Barca e das Tricanas de Coimbra.

Contribuiu para animar estes festivais nocturnos o grande imitador Mena Matos.

Ainda há a anotar a participação do «Ballet Cimarro». A parte musical esteve a cargo de Sérgio e sua orquestra.

Além deste conjunto musical houve a colaboração do conjunto espanhol — «Los Cinco Deltas» — que fez vibrar a assistência com o seu virtuosismo. A fechar estes festivais realizaram-se sessões de fogo de artifício de belo efeito.

A REFORMA DO INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS ULTRAMARINOS

(Continuação da pág. 5)

a exigir uma reforma urgentíssima e adequada à actual conjuntura política ultramarina internacional. Consta-nos que esta «REFORMA» foi já conveniente e competentemente elaborada. Lembramo-nos, também, que na abertura solene do presente ano lectivo no I. S. E. U. o sr. Ministro do Ultramar, em referência à Reforma, disse que no que respeitava ao seu Ministério esta questão tinha sido, favoravelmente, tratada. Todavia, a tensão (?) continua e o tempo passa sem que este grave problema encontre uma real satisfação que venha, de um modo particular fazer justiça aos inúmeros indivíduos diplomados pelo I. S. E. U. e que não têm o prestígio e a categoria que se deve a quem possui um curso superior e, de um modo geral, venha ao encontro dos princípios orientadores da nossa Política Indígena e da nossa Política Ultramarina. Para isto urge, em primeiro lugar, prestigiar o I. S. E. U. integrando-o na Universidade Técnica à qual pertence de facto. Preconizamos por esta instituição uni-

UMA INICIATIVA QUE INTERESSA A TODOS OS ALUNOS DOS LICEUS

Alguns delegados do nosso jornal nas Faculdades, comprometeram-se a satisfazer a curiosidade dos colegas dos 6.º e 7.º anos do Liceu quanto ao regime de horários, aulas, exames, etc., facilitando assim aos futuros colegas a resolução de alguns dos seus problemas.

Trata-se de uma iniciativa que pode ter bastante interesse e a que o nosso Jornal vai dar o maior apoio.

Escrevam-nos para a redacção do jornal «Vida Universitária», Rua Conde Redondo, 14, 3.º Dto. em Lisboa e tão prontamente quanto possível passarão a estar em contacto com o nosso delegado na Faculdade que lhes interesse de Lisboa, Porto ou Coimbra.

A ACTIVIDADE DA AIESEC EM PORTUGAL E NO CAMPO INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 7)

três: a angariação de estágios para colegas estrangeiros, tendo já conseguido dez em definitivo, para o Serão do corrente ano; o estabelecimento de contactos com o Brasil, que até agora não resultaram por falta de respostas concretas; e o estabelecimento de contactos com diversas entidades, que nos têm mostrado a sua compreensão, como sejam a Associação Industrial Portuguesa, a Associa-

ção Comercial de Lisboa, o Instituto de Alta Cultura, e a Fundação Gulbenkian.

— Em resultado de diligências por nós efectuadas, conseguimos interessar na AIESEC os colegas da Faculdade de Economia do Porto. Tendo esta sido aprovada como membro probatório no Congresso de Barcelona, será escolhido em Novembro próximo um «comité» nacional englobando já os representantes do Norte. Esse «Comité» que até lá é constituído só por elementos de Lisboa, ficará encarregado de todos os contactos internacionais e coordenará os trabalhos dos «comités» locais de Lisboa e Porto.

— Se não se importa, Portugal Colação, pode esclarecer-nos quais as fontes de financiamento de que dispõe a AIESEC em Portugal?

— Sim. Essencialmente a fonte é uma: a contribuição oficial do Ministério de Educação Nacional, concedida através do Instituto de Alta Cultura, no montante de oitenta contos por ano. Além disso os estagiários portugueses que vão ao estrangeiro contribuem cada um com uma pequena quantia.

Estas receitas permitiram-nos fazer despesas com as instalações, satisfazer os encargos contraídos junto das Associação Académica, preparar a delegação ao Congresso de Barcelona, publicar uma revista de divulgação para Portugal e Brasil e contribuir, de acordo com os estatutos da AIESEC, para o «comité» do país presidente e para o secretário permanente. Ser-nos-á ainda possível subsidiar em parte as viagens ao estrangeiro dos estagiários portugueses.

Era tudo quanto desejávamos saber para elucidar os leitores de «Vida Universitária». Porém, o nosso interlocutor quis ainda anunciar-nos:

A Associação Internacional de Estudantes de Ciências Económicas e Comerciais está a trabalhar no sentido de realizar em 1962 uma visita de estudo a Portugal, no seguimento de um Seminário Económico em Espanha.

Com esta notícia, em primeira mão, nos despedimos do vice-presidente do «Comité» Português da AIESEC, não sem haver desejado que prossiga o brilhante trabalho já realizado em tão pouco tempo.

DOMINGOS ANTUNES VALENTE



O sr. ministro Leite Pinto visita a exposição

«POLÍTICA INDUSTRIAL»

● Conferência na Faculdade de Engenharia do Porto pelo Ministro da Economia

A Aula Magna da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, por motivo da conferência que, sob o título de «Política Industrial», ali proferiu o ministro da Economia, prof. eng. Ferreira Dias, registou, grande assistência, entre a qual não somente se viam personalidades de relevo na vida industrial portuguesa, como também inúmeros universitários e pessoas interessadas.

O sr. ministro da Economia foi saudado pelo prof. dr. Amândio Tavares, que em breves palavras traçou o seu elogio e afirmou que uma Universidade não podia viver alheia dos estudos dos problemas que interessam à Nação. Esta a razão por que o prof. eng. Ferreira Dias ali se encontrava, pronto a desenvolver uma ideia na acção social que compete à Universidade.

Seguidamente, usou da palavra o dr. Fernando Seabra, director da Faculdade de Economia, e a seguir o prof. eng. Ferreira Dias iniciou a leitura do seu trabalho.

A terminar referiu-se ao direito de propriedade, dizendo:

«Duas coisas me parece se poderão vir a fazer, de fonte offi-

CURSOS DE FÉRIAS NO ESTRANGEIRO

O XV Curso de Férias Internacionais para Música Nova do Instituto de Música de Kranichstein, em Darmstadt, realizou-se de 6 a 17 de Julho. O programa prevê seis lições de Pierre Boulez (Paris) sobre o «Pensamento musical de hoje». Problemas especiais da música contemporânea serão tratados em cursos para composição e teoria da música, assim como em aulas para piano, flauta, violino, violoncelo e harpa. Como professores, colaboram músicos vindos da Itália, Austria, Bélgica, França, Estados Unidos da América e Alemanha.

Como nos anos anteriores, realizam-se também este ano, em ligação com o curso de férias, os «Dias para música nova» da emissora radiofónica de Hessen, em Darmstadt.

Foi aberto concurso internacional para o «Prémio musical de Kranichstein» pela nona vez este ano, nas disciplinas de piano, duo ao piano e violoncelo.

ACADEMIA MILITAR

A Academia Militar de Portugal foi agraciada com a grã-cruz da Ordem do Mérito Militar com distintivo branco pelo ministro do Exército da Espanha, major-general António Barroso.

PRÉMIO PARA UM ESTUDANTE PORTUGUES

O dr. Paulo Berredo Carneiro, representante permanente do Brasil na UNESCO presidiu em Lisboa ao Conselho Executivo da União Latina.

O Conselho deliberou instituir este ano um prémio de mil dólares, a atribuir, pelo Governo Português a um estudante universitário.

cial, para o estimular; a primeira seria a de olhar a sério a tão falada fiscalização das sociedades anónimas, para que o público, com ou sem razão desconfiado, applicasse com mais decisão o seu pé de meia na subscrição de títulos — tão pouco afeito se está a fazê-lo e tão pouco afeito se mostra na tomada de papel industrial.

A segunda providência salutar seria a de abrir mais ao grande público as subscrições que as empresas prósperas reservam aos antigos accionistas, com um exclusivismo que parece excessivo.

E concluiu: «A reorganização com as inerentes facilidades, o condicionamento técnico, o estímulo de novas indústrias, mais firmes nas de maior perspectiva mas sempre solícito em todas elas, o prosseguimento da electrificação, a fiscalização das sociedades, a facilidade de créditos, de que o Banco de Fomento é a maior alavanca, a assistência técnica, que o Instituto de Investigação Industrial se prepara para desenvolver, um programa de planificação económica regional, para o qual estou dando agora os primeiros passos — eis a espinha dorsal de uma política de fomento da indústria, tornada possível pela solidez financeira a que o Mundo presta justiça e acelerada por um programa, que se espera generoso, de alargamento do ensino — política de coerência e não de pedaços descolados, que fará subir, marcadamente, dentro de poucos anos, o nosso índice de produção industrial; política sóbria mas séria, que merece ser continuada para que frutifique, e pela qual vale a pena sofrer críticas injustas e azedadas.

O 80.º ANIVERSÁRIO DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO — DE COIMBRA —

«É preciso que compareças e tragas a tradição vivida no teu tempo, o romantismo da tua época e as recordações dos teus anos de Coimbra e orfeonista.

Juntos voltaremos a viver os dias de uma mocidade que, para uns, já fica distante, para outros ainda é de há pouco e, para alguns, é de agora.

Seremos todos outra vez — que encanto! — jovens estudantes, orgulhosos da secular Cidade Universitária — a primeira de Portugal — que se não esquece e, novamente, rendidos e fiéis ao amor e à saudade das nossas casacas e batinas.

E com estas palavras, núcleo significativo da carta aberta, convite imenso, que a Comissão Executiva das Festas Comemorativas do 80.º aniversário do Orfeão Académico de Coimbra endereçou a todos os orfeonistas, que começamos a nossa reportagem.

Para quê, palavras nossas, toscas e com muito menos sentido, se estas são a formulação comunicativa do sentir dos membros da mesma comissão, formulação essa que, sabemos-lo já, ecoou de forma gritante em cada orfeonista.

O sr. dr. Nazareth Falcão, acompanhado por tantas figuras de destaque como são entre outros, o sr. tenente-coronel, eng. Neves Eliseu, os srs. drs. Alfredo Fernandes Martins, Condorcet

ELEIÇÕES NA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

Realizaram-se no passado dia 11 de Maio as eleições para a Direcção-Geral e para a Mesa da Assembleia Magna da Associação Académica.

As listas apresentadas eram duas: uma, proposta pela actual Direcção da A. A.; outra proposta pelo Conselho de Repúblicas, que venceu. A primeira teve mais votos em Farmácia e Letras. A lista do Conselho de Repúblicas teve maioria em Ciências, Direito e Medicina.

São os seguintes os membros da Assembleia Magna da lista vencedora: Carlos A. Mac Mahon, de Medicina; Joaquim Pereira da Costa e José César Paulloro das Neves, de Direito.

A Direcção ficou constituída pelos colegas António Manuel Marques, Carlos Manuel Candal, Jorge Nunes de Aguiar, José Augusto da Silva e Maria Fernanda Afonso Dias, todos de Direito, e Fernando Cortés Ferreira e Manuel Videira, de Medicina.

A POSIÇÃO DO CORPORATIVISMO PORTUGUÊS

Realizou-se no passado dia 19 de Maio, no Centro de Estudos Político-Sociais da União Nacional uma notável conferência do Prof. Soares Martinez, abordando a posição corporativa portuguesa. Analisou, de entre outras realidades, o facto do corporativismo português constituir uma solução intermédia entre as posições liberal e socialista. Após ter-se ocupado de problemas económico-sociais em vários países

O PROF. JEAN LE MEN DA UNIVERSIDADE DE PARIS ESTEVE EM LISBOA

A convite do Instituto Francês em Portugal, e por iniciativa do seu director, dr. Pierre Hourcade, impulsor infatigável do intercâmbio luso-francês, deslocou-se ao nosso país a fim de pronunciar algumas conferências, o Prof. Jean Le Men.

Farmacêutico laureado pela Faculdade de Farmácia de Paris, o prof. Le Men possui entre outros os graus académicos de engenheiro-químico pela Escola Nacional Superior de Química de Paris, Doutor ex-Sciences, prof. agregado de Farmácia, e desempenha ainda as funções de professor titular de Farmácia Galénica na Escola Nacional de Medicina e Farmácia de Reims e na F. de Farmácia de Paris dirige as investigações de candidatos ao grau de Doutor.

É por outro lado um dos mais directos colaboradores do prof. Janot, cuja valiosa obra se pro-

jecta para além das fronteiras do seu país.

Ao longo de 10 anos de estudados estudos durante os quais se revela um investigador notável, o prof. Le Men publica mais de 45 trabalhos originais relativos a Química Vegetal, ramo em que se especializou.

Na sua primeira conferência, que teve lugar na Escola Superior de Farmácia de Lisboa, tratou o tema «Os Alcalóides da Geissospermum Loeves».

Através da sua linguagem fluente deu-nos a conhecer os trabalhos levados a cabo na pesquisa e estabelecimento da estrutura daquelas substâncias, elucidando sobre todos os passos que foi necessário realizar a fim de se poderem tirar conclusões concretas das diligências efectuadas.

A sessão assistiram além de muitos alunos, os professores e as assistentes da Escola, de F. de Lisboa tendo sido a apresentação do conferente feita pelo prof. dr. Joaquim Mendes Ribeiro, director daquele Estabelecimento de Ensino.

O prof. Le Men, com quem tivemos oportunidade de trocar algumas impressões antes da sua partida para França, mostrou-se verdadeiramente encantado com a hospitalidade que lhe foi dispensada, e declarou-nos a sua satisfação pela maneira interessada como por parte dos estudantes fora seguida a sua exposição o que diz bem da necessidade de fomentar cada vez mais estas iniciativas.

CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

Vai realizar-se, de 11 de Julho a 20 de Agosto, o 36.º Curso de Férias da Faculdade de Letras, iniciativa que sempre desperta grande interesse, não só no País, como no estrangeiro, de onde todos os anos se deslocam a Coimbra dezenas de estudantes universitários ou já licenciados, com o fim de se matricularem nos referidos Cursos.

Visam estes, ministrar noções elementares e conhecimentos complementares da língua portuguesa a estrangeiros e nacionais, bem como divulgar o conhecimento de Portugal e da Cultura Portuguesa, nos seus variados aspectos.

Como sempre, e paralelamente a estes Cursos para estrangeiros, realizam-se de 1 a 13 de Agosto, o «IX Curso de Actualização de Conhecimentos» destinado a professores do ensino secundário.

Este ano, os Cursos serão regidos por professores da Faculdade de Letras, entre os quais os srs. drs. João da Providência Sousa Costa, Aristides de Amorim Girão, Manuel Lopes de Almeida, Álvaro Júlio da Costa Pimpão, Manuel de Paiva Boléo, Américo da Costa Ramalho, Paulo Quintela, Alfredo Fernandes Martins, José G. Herculano de Carvalho, Armando de Lacerda, Salvador Dias Arnaut, João Manuel Bairrão Oleiro, prof. Luís Reis Santos e prof. Mário Simões Dias.

Além das actividades escolares, fazem parte do mesmo Curso de Férias, visitas de estudo e excursões a locais onde o interesse histórico, arqueológico ou geográfico o justifique, bem como concertos e recitais, e outras diversões.

O número de inscrições é já elevado predominando, como sempre, os pedidos vindos dos mais variados países, não só da Europa, como da América.

estrangeiros concluiu afirmando:

«No ambiente de crise que o nosso continente está vivendo, de descrença em relação às formas capitalistas e em relação às formas socialistas, que se nota nos últimos anos e de que constituem reflexo os recentes sucessos políticos da França e da Itália, a afirmação de que o nosso País, após uma experiência que já excede o quarto de século, conseguirá construir uma ordem política pluralista, insitucional, corporativa, despertaria energias adormecidas e até ignoradas no organismo doente da Europa; e até naqueles países cuja posição religiosa se me afigura menos propensa à solução corporativa. (...) Eu creio na viabilidade do corporativismo português. E creio também que a afirmação dessa viabilidade nos levará a oferecer uma vez mais na nossa história, novos mundos ao Mundo, mundos de riqueza talvez insuspeitados».

UMA MENSAGEM DO PAPA AS JUVENTUDES AGRÍCOLAS

Numa mensagem aos membros do Primeiro Congresso Internacional das Juventudes Agrícolas e Rurais Católicas o Papa João XXIII encorajou os seus auditores a prosseguir nos esforços para ir em auxílio especialmente dos seus irmãos deserdados, aos quais — disse — têm fonte de pão e de dignidade humana, também, de cultura, de amizade, fome principalmente de Deus, porque o homem não vive só de pão, mas também de toda a palavra que saia da boca de Deus.

João XXIII disse, seguidamente, que cada um dos países representados no Congresso tem os seus problemas mas que os membros das Juventudes Agrícolas Católicas têm todos uma tarefa comum: a de aumentar o reino de Deus nos meios rurais. A este respeito sublinhou com satisfação o entusiasmo com que muitos deles, respondendo ao seu apelo, se têm devotado a auxiliar os movimentos agrícolas das jovens nações africanas.